



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS DIADEMA
Instituto de Ciências Ambientais, Químicas e Farmacêuticas
Curso de Ciências



Andreia Souza Gonçalves de Carvalho Brito

O acolhimento aos adolescentes nas aulas iniciais de Biologia: criação de uma sequência didática

DIADEMA

2022

Andreia Souza Gonçalves de Carvalho Brito

**O acolhimento aos alunos adolescentes nas aulas iniciais de
Biologia: criação de uma sequência didática**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura em Ciências, ao Instituto de Ciências Ambientais, Químicas e Farmacêuticas da Universidade Federal de São Paulo – Campus Diadema.

Orientador: Prof(a). Dr(a). Jose Alves da Silva

DIADEMA

2022

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

Brito, Andreia Souza Gonçalves de Carvalho

O acolhimento aos alunos adolescentes nas aulas iniciais de biologia: criação de uma sequência didática / Andreia Souza Gonçalves de Carvalho Brito. -- Diadema, 2022.
57 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências) -
Universidade Federal de São Paulo - Campus Diadema, 2022.

Orientador: Jose Alves da Silva

1. acolhimento. 2. relação com o saber. 3. adolescência. 4. ensino médio. 5. ensino de biologia. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Ciências Ambientais, Químicas e Farmacêuticas, Campus Diadema da Universidade Federal de São Paulo, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Andreia Souza Gonçalves de Carvalho Brito

**O acolhimento aos alunos adolescentes nas aulas iniciais de
biologia: criação de uma sequência didática**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura em Ciências, ao Instituto de Ciências Ambientais, Químicas e Farmacêuticas da Universidade

Federal de São Paulo – Campus Diadema.

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof(a) Dr(a) Jose Alves da Silva
Universidade Federal de São Paulo – Unifesp

Prof(a) Dr(a) Denilson Cordeiro
Universidade Federal de São Paulo – Unifesp

Prof(a) Dr(a) Sérgio Stoco
Universidade Federal de São Paulo – Unifesp

Memorial

Meu nome é Andreia Souza Gonçalves de Carvalho Brito, nasci no bairro da Saúde, zona sul de São Paulo-SP, no ano de 1979, sendo a primogênita de uma família de cinco irmãos. Meu pai trabalhava como marceneiro e minha mãe era do lar.

A minha história com a educação começou já dentro da sala de aula, aos 7 anos de idade, quando comecei a desbravar esse mundo escolar. Que era desconhecido, mas que, ao mesmo tempo, proporcionava-me curiosidade e ansiedade para aprender cada dia mais.

Minha mãe ensinou-me a ler e a escrever em casa. Por causa disso, quando entrei na Escola Estadual Valentin Gentil, no bairro da Água Funda, em São Paulo-SP, lembro-me de as professoras quererem mudar-me de série, pois achavam-me muito avançada para estar na primeira série do então 1º. grau.

Nas reuniões da escola, minha mãe sentava-se na cadeira da sala de aula e sempre recebia muitos elogios e incentivos sobre meus estudos. Ela se orgulhava de eu ser considerada uma ótima aluna pelos professores.

Cheguei na cidade de Diadema em meados dos anos 1988, devido à separação de meus pais, onde tentei continuar estudando. Mas devido às constantes mudanças de casa por causa de meus pais (meus irmãos e eu vivíamos metade do ano com minha mãe e outra metade com o meu pai) e por causa de problemas financeiros na época (vivíamos de aluguel e mudávamos sempre de casa), não conseguia concluir o ano letivo inteiro. Fui reprovada várias vezes por falta. Mas nunca desisti de estudar, apesar de todos os problemas à minha volta, sempre tive isso como prioridade em minha vida.

Aos 12 anos, meus pais conseguiram estabilizar-se em uma residência fixa em Diadema (devido à compra de um terreno; mesmo separados, para criarem os filhos, meus pais compartilharam o terreno). Então, com isso, não parei de estudar e terminei o ensino médio aos 21 anos de idade, na Escola Estadual Maria Carolina Cassini Cardim, no ano de 2000.

No mesmo ano, comecei a trabalhar em uma associação como assistente administrativo, dentro da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo na frente do Zoológico municipal de São Paulo. Nessa empresa, desenvolvia uma parte social com a distribuição de leite para pessoas de baixa renda e atendimento ao público em geral, além de atender aos sócios e funcionários da associação. Desenvolvi minhas atividades nesta

empresa por 12 anos, gostava de ajudar as pessoas e prestar algum tipo de serviço à população do bairro.

Nesse período, formei uma família. Aos 23 anos, casei-me e gerei primeiramente minha filha Anna Rubia, de 20 anos e, após 13 anos, meu filho Mário Filipe, que está com 7 anos agora. Quando tive meu último filho já estava há três anos desempregada e não conseguia voltar ao mercado de trabalho.

Então foi nesse momento que um antigo sonho veio à tona. Eu estava amamentando meu filho e pensei: por que não prestar o Enem e tentar uma oportunidade de fazer um curso superior, que era aquilo que sempre sonhei. Meu filho nasceu no mês de abril e, no mês de maio de 2015, eu realizei a inscrição para o Enem. No mesmo ano, fiz a prova do Enem pela primeira vez.

Tenho uma lembrança muito boa e muito forte desse dia, uma sensação de realização, o começo de um sonho tornando-se realidade. No ano seguinte, já em 2016, fiz a opção dos cursos e pela primeira vez descobri a Unifesp, uma universidade federal na minha cidade Diadema (SP) e que eu não conhecia.

Optei pelo curso de Ciências- Licenciatura na Unifesp por estar na minha cidade, afinal tinha um bebê que necessitava dos meus cuidados, porque eu ainda o amamentava. O curso eu não conhecia, pesquisei para conhecer melhor, mas verdadeiramente descobri mesmo quando entrei na Unifesp. Aos poucos fui conhecendo a vida acadêmica e gostando cada vez mais da área de Biologia.

Minhas dificuldades eram muitas, com a minha idade e muito tempo afastada de uma sala de aula, dona de casa e mãe. Não era mais uma adolescente, foi muito difícil no começo equilibrar todos esses fatores e ambientes diferentes para estar dentro de uma sala de aula novamente.

Mas muitos jovens da minha sala e os amigos que fiz nesse período fizeram toda a diferença para que eu conseguisse superar essas dificuldades. Eles funcionaram como uma rede de apoio para mim. Alguns dos alunos da minha sala se propuseram a ajudar aqueles alunos que tinham dificuldade. Quem podia chegar antes do horário regular das aulas ajudava os colegas com mais dificuldades. Esses alunos ajudaram-me muito em unidades curriculares das áreas de Matemática e Física, que eram mais complicadas para mim.

Não foi fácil essa trajetória acadêmica para quem teve uma história como a minha. Em alguns momentos, pensei em desistir. Mas quando encontrava pessoas com as mesmas dificuldades que as minhas e dispostas a estudarem, sentia que valia a pena continuar. Então

concentrei todos os meus esforços nos estudos (nesse período não trabalhava, somente estudava e, por ser dona de casa, pude organizar-me também nos estudos: tracei um roteiro de estudo e planejamento, escolhendo com cuidado cada unidade curricular que eu deveria estudar, de modo a conseguir o meu intuito. Fiz a minha grade, do meu jeito, dentro do que eu conseguiria efetivamente fazer, levando em conta minha história de vida, minhas possibilidades e minhas dificuldades. Decidi priorizar os estágios primeiramente, além de algumas matérias da área de Humanidades e, com mais cuidado, as exatas para conseguir equilibrar minha grade.

Mas foi através do estágio que realmente me encantei com o chamado chão da escola. Estar dentro de uma sala de aula mudou completamente o meu olhar. Eu realmente gostava de estar ali e dediquei o meu melhor quando estava nesta etapa da vida acadêmica, convivendo com os alunos e os professores, com a vida de uma escola pública da minha cidade. Meus momentos de estágio foram a melhor trajetória do meu curso. Eu queria vivenciar mais aquele momento, ali eu descobri que queria ser professora e que poderia contribuir um pouquinho com a formação de muitos daqueles jovens.

Na escola em que estagiava, que fica perto da minha casa, conheci um professor de ciências e biologia maravilhoso e com o qual realizei os meus quatro estágios. Esse fator contribuiu e muito para minha formação como professora. Como sou uma pessoa muito observadora, não pude deixar de notar como esse professor tratava seus alunos e como isso fazia uma grande diferença e contribuía para a boa qualidade das suas aulas e para a sua ótima relação com os seus alunos. Geralmente as aulas deste professor eram feitas, primeiramente no início da aula, com um diálogo com os alunos para saber como foi seu dia e como estavam naquele momento na escola. Isso fortalecia os vínculos e aproximava o professor dos seus alunos. Em seguida, no meio do que parecia ser uma conversa, o professor ia naturalmente abordando o assunto da sua aula de Biologia - e era impressionante como os alunos interagiam com o professor e com aquele conhecimento que parecia estar sendo transmitido nas entrelinhas.

Minha trajetória acadêmica no curso de Ciências-Licenciatura está se acabando, não sem antes concluir este trabalho de conclusão. No decorrer do curso, tive algumas UCs que foram enriquecedoras para minha formação, mas foi a experiência do estágio que sempre digo que foi o divisor de águas para confirmar que realmente eu queria exercer a profissão de educadora de Biologia.

Em relação ao tema do TCC, no final do curso ficou claro que eu gostaria de contribuir com a minha área de ensino de Biologia, preocupando-me principalmente com meus alunos e focando na questão do ser humano, ou seja, em conhecer melhor quem é esse aluno e o que ele está sentindo nas aulas que frequenta. Nesse processo, sabendo o tema ou o que eu queria desenvolver no TCC, através de um e-mail para uma professora explicando o que gostaria de abordar, a professora indicou um professor que, segundo ela, tinha certeza de que poderia contribuir em muito para o desenvolvimento desse projeto. E foi assim que conheci o meu orientador Prof. Dr. José Alves da Silva. Após muitas conversas, fomos encontrando um recorte para a nossa investigação. Disso tudo, resulta este trabalho.

Vale ressaltar, ainda, que, desde o ano de 2021, estou atuando como professora de Ciências e de Biologia em escolas públicas da região de Diadema. Tenho consciência de que o meu trabalho está ficando cada vez melhor, em especial porque me percebo gostando do que faço e vou aprendendo com o que observo. As experiências vivenciadas como professora estão sendo enriquecedoras como ser humano e como uma profissional da educação pública.

Nesse curto espaço de tempo em que estou atuando como professora, foram atribuídas aulas de Ciências e Biologia com algumas turmas: 6º ano, 7º ano, 8º ano, 9º ano (ensino fundamental) e, 1º ano, 2º ano e 3º ano do ensino médio. E como são turmas onde os alunos têm idades diferentes, estou aprendendo muito com essas diferenças. Estou aprendendo muito, também, sobre como ensinar a esses alunos. Durante as aulas, pude observar e conhecer meus alunos com um olhar diferenciado, buscando sempre entender o que sentem – e aqui as emoções deles sempre foram um dos meus indicadores. Posso dizer que isso contribui com as minhas práticas educacionais dentro da sala de aula.

Este trabalho de conclusão de curso, portanto, insere-se neste contexto de vida e de formação profissional. Eu espero que o leitor perceba o quanto há de mim nele e, com isso, sinta-se acolhido ao longo de toda a leitura, assim como quero que meus alunos adolescentes se sintam acolhidos e se relacionem bem com o conhecimento em todas as minhas aulas.

Agradecimentos

Em primeiro lugar tenho muito a agradecer a Deus, pela oportunidade de ter concluído mais uma etapa com sucesso e louvor. Também não poderia deixar de honrar nesse momento uma pessoa muito especial (em memória) José Valdir Velozo, meu pai na fé que, em muitos momentos bons e ruins na minha vida, esteve ao meu lado como conselheiro e amigo. Ele, se estivesse aqui, estaria muito feliz junto comigo.

À minha família em especial os meus dois filhos Anna Rúbia Carvalho de Brito e Mario Filippe Carvalho de Brito, aos quais devo todo meu amor e gratidão pela nossa união familiar, que é a base de tudo. À minha filha uma gratidão especial por todas as vezes ser meu porto seguro com palavras de ânimo, compreensão e respeito. É muito difícil colocar-se no lugar de outra pessoa – e ela faz sempre isso comigo. Muito obrigada, filha minha.

Aos meus amigos que conquistei ao longo dessa trajetória acadêmica, em especial Suellen Ruiz e Claudio Regazoli Testi pelo apoio. Foram-me companheiros inabaláveis, pode ter certeza vocês são meus amigos e irei levá-los como exemplos na vida.

Aos meus professores da Unifesp do meu curso, os quais tenho admiração e respeito. Recebam o meu muito obrigada! Eu levarei comigo - podem ter certeza - todas as aprendizagens e saberes que construíram com honra e muito mérito.

Agradeço também à Profa. Dra. Eliane de Souza Cruz, a quem respeito muito, por ter me proporcionado a honra de fazer parte do seu projeto Articulações. Foi através dessa oportunidade que consegui fazer parte e ser conhecida dentro de algo como esse projeto e tive a oportunidade de contribuir e ajudar vários outros alunos estudantes do município de Diadema (SP). Por causa deste projeto, eu consegui fazer com que alguns deles conquistassem o mesmo sonho que eu: o de ingressar numa universidade pública e ter acesso a um ensino digno e de qualidade.

Ao meu orientador e doutor, pesquisador e professor Jose Alves da Silva ao qual tive a honra de conhecer há um ano atrás, uma pessoa excepcional e incrível que conhecia só como professor da UC de Física, mas agora posso dizer que o tenho como uma referência de ser humano, sempre com muito respeito pelo seu trabalho. O meu muito obrigada por tudo ao longo deste trabalho. Fiquei lisonjeada em ser sua aluna de TCC neste trabalho. Foi uma grande satisfação tê-lo como professor e orientador

Agradeço também aos professores membros desta banca: Prof. Dr. Sérgio Stoco, Denilson Cordeiro e Flaminio Rangel. Muito obrigada por aceitarem dividir este momento comigo e por contribuírem com mais ideia sobre este assunto

E por último, para finalizar meus agradecimentos, dedico também esse final de trabalho acadêmico ao meu querido e amigo professor Rodrigo Santos de Souza, o qual acompanhei na escola, nos meus estágios e com quem aprendi muito e conheci muitos exemplos e lições importantes. Uma das primeiras lições foi sempre a de como começar uma aula de Biologia – e aqui as formas de acolhimento era um elemento sempre presente. Outra lição foi a de como ter um olhar diferenciado para cada um dos alunos, pensando neles como seres sociáveis e que vivem em comunidades, mas também, mas que, individualmente, também são repletos de emoções. E foram essas emoções e este acolhimento que me inspiraram para a elaboração deste trabalho de final de curso.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso pretende contribuir com os estudos acerca dos processos educativos de adolescentes no contexto escolar, buscando responder à seguinte pergunta: como pode ser o acolhimento dos alunos adolescentes nos primeiros dias de aula na disciplina de Biologia?. Para respondermos a esta pergunta, promovemos um intenso processo de estudos e de reflexão sobre adolescência, acolhimento e relações com o saber que culminou com a criação de uma sequência didática que trata exclusivamente das primeiras aulas em turmas da primeira série do ensino médio em uma escola pública do município de Diadema (SP). Para fundamentação teórica, usaremos os referenciais que estudam adolescência, em especial no contexto escolar, bem como aqueles que analisam a relação dos adolescentes com o saber científico, em especial com o da biologia, além dos autores que estudam a questão do acolhimento em diferentes contextos. Deste conjunto de dados e reflexões, montaremos a referida sequência didática. Esperamos, através desse trabalho, darmos a devida atenção ao momento inicial de trabalho pedagógico do professor de Biologia, bem como produzirmos conhecimentos acerca deste momento para a área de ensino de ciências.

Palavras-Chave: acolhimento; relação com o saber; adolescência; ensino médio; Ensino de Biologia.

ABSTRACT

This course conclusion work intends to contribute to the studies about the educational processes of adolescents in the school context, seeking to answer the following question: how can the reception of adolescent students be in the first days of class in the discipline of biology?. To answer this question, we promoted an intense process of studies and reflection on adolescence, reception and relationships with knowledge that culminated in the creation of a didactic sequence that deals exclusively with the first classes of students in the first grade of high school classes in a public school in the city of Diadema (SP). For theoretical foundation, we will use the references that study adolescence, especially in the school context, as well as those that analyze the relationship of adolescents with scientific knowledge, especially with biology, in addition to the authors who study the issue of reception in different contexts. . From this set of data and reflections, we will assemble the aforementioned didactic sequence. We hope, through this work, to give due attention to the initial moment of pedagogical work of the biology teacher, as well as to produce knowledge about this moment.

Keywords: reception, relationship with knowledge; adolescence; high school; biology teaching;

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1 – Exemplos de títulos de trabalhos encontrados separados por categorias.....	29
Quadro 2 – Quantidade de títulos encontrados por categorias.....	32
Quadro 3 – Como buscamos contemplar as ideias trazidas pelos nossos referenciais na sequência didática.....	38
Quadro 4 – Momentos da proposta	40
Quadro 5 – Conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais para cada aula.....	45
Quadro 6 – Aspectos de C, T e S que podem ser abordados em cada aula.....	47
Quadro 7 – Exemplos de mapas mentais para ser utilizado como suporte e apoio nas aulas de Sistema Endócrino.....	56

SUMÁRIO

Introdução	15
1. Capítulo 1: Adolescente no contexto escolar e a relação dos estudantes adolescentes com o saber científico.....	18
1.1. O que é adolescência	18
1.2. A adolescência no contexto escolar	22
1.3. Relação com o saber	24
2. Capítulo 2: As pesquisas sobre acolhimento em geral e no contexto escolar	28
2.1. As pesquisas sobre o acolhimento em geral.....	28
2.2. A diferença entre acolhimento de adolescentes e crianças na educação infantil.....	35
3. Capítulo 3: Como realizamos este trabalho.....	37
4. Capítulo 4: A sequência didática	39
4.1. Construção do primeiro quadro da proposta.....	39
Considerações finais	51
Referências.....	53
Anexos.....	56

Introdução

i) De onde estamos falando

Este trabalho de conclusão de curso é resultado de uma trajetória de vida e de uma preocupação com a educação que surge do benefício que os processos educativos escolares me trouxeram como mulher, mãe, trabalhadora e ser humano.

Ele vem a somar-se a uma concepção de educação que pretende ser acolhedora, transformadora de realidades, rumo a um ideal de igualdade social, justiça, apreço pela diversidade e respeito a todos os direitos, em suma, de promoção das pessoas rumo a uma maior humanização.

Neste sentido, este trabalho se soma aos daqueles educadores que eu admiro na minha trajetória acadêmica, dentre eles Sérgio Stoco e Denilson Cordeiro, assim como alguns autores que conheci e que tiveram um forte impacto ao longo da minha trajetória acadêmica. Neste trabalho, estão alguns deles: Bernard Charlot, Contardo Calligaris, Paulo Freire, Mônica do Amaral Cruz, Henri Wallon, Otaíza de Oliveira Romanelli, dentre outros.

Coerentemente com esta visão, este trabalho pretende juntar-se aos daqueles que propõem o conhecimento científico como um instrumento para melhorar a vida das pessoas. Neste sentido, entende a ciência como uma aventura humana, histórica e social, repleta de erros e acertos, que merece ser compartilhada com todas as pessoas, sem excluir ninguém.

ii) As nossas questões

Desde sempre, nossa principal preocupação é com a formação humana dos nossos alunos e, portanto, para nós, era importante olharmos para processos educativos mais ampliados do que os exclusivamente relacionados às tarefas de ensinar determinados conteúdos. Queríamos olhar para a relação estabelecida entre professor e aluno, nos atendo ao conhecimento científico como uma parte deste processo – e não como foco único.

Como esses aspectos são bastante amplos e diversificados e, portanto, impossíveis de serem trabalhados numa única pesquisa, ainda mais em um trabalho de conclusão de curso, nosso foco será o de refletir melhor sobre os momentos iniciais do professor de Biologia ou de Ciências com os seus alunos. Perguntávamo-nos: o que fazer na primeira aula? O que deve ser estudado por um professor para que ele consiga fazer a diferença neste momento? Era isso que queríamos discutir.

Foi a partir daí que chegamos no conceito de acolhimento e buscamos nos aprofundar nele associando-o às questões trazidas pelos referenciais que estudam adolescência no contexto escolar.

Assim, nossa pergunta de investigação foi: como pode ser o acolhimento dos alunos adolescentes nos primeiros dias de aula na disciplina de Biologia da primeira série do ensino médio?

Para termos mais elementos que nos permitam refletir sobre como podem ser as respostas para estas perguntas, criamos e implementamos uma sequência didática que, por ora, não será aplicada em sala de aula, e que trata exclusivamente das primeiras aulas dos alunos das turmas da primeira série do ensino médio em uma escola pública do município de Diadema (SP).

Nossa hipótese principal é a de que, se conseguir preparar uma boa forma de acolher os seus alunos adolescentes nos primeiros dias de aula, o professor terá mais facilidade para estabelecer um vínculo pessoal com eles e, mais do que isso, poderá promover uma melhor relação dos alunos com o saber que está sendo ministrado.

Nossos objetivos principais, com este trabalho, é o de darmos a devida atenção ao momento inicial de trabalho pedagógico do professor de Biologia, bem como o de produzirmos conhecimentos ou reflexões acerca deste momento. Além disso, em menor grau, queremos estimular a construção de profissionais que discutam adolescência na área de ensino de ciências e dar ênfase para a importância dos primeiros momentos de um professor com as suas novas turmas.

Para conseguirmos esse objetivo, mostraremos alguns dos nossos referenciais que discutem adolescência e a relação com o saber científico construída por adolescentes. Em seguida, faremos a apresentação de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema acolhimento na educação, com foco na adolescência. Por fim, mostraremos a nossa proposta de sequência didática para esses momentos.

iii. Nosso roteiro.

Os referenciais sobre adolescência e relação com o saber estão apresentados no capítulo 1. O capítulo 2 discorre sobre a questão do acolhimento. O capítulo 3 apresenta como elaboramos o nosso roteiro de trabalho. No capítulo 4, apresentamos a sequência didática, seguida de algumas análises aprendidas durante este processo. Por fim, depois, apresentamos as nossas considerações finais

Esperamos que o nosso leitor aprenda e se enriqueça com este registro desta etapa importante da formação profissional de uma educadora em ciências em constante formação.

Capítulo 1: Adolescência no contexto escolar e a relação dos estudantes com o saber científico

Neste capítulo, vamos abordar o termo adolescência e como ele foi construído historicamente, além de destacarmos as suas características específicas que passam por mudanças físicas, sociais, psicológicas etc.

1.1.O que é adolescência

O reconhecimento da adolescência na sociedade surgiu muito recentemente na história da humanidade. Ficou evidente a necessidade de compreender a pós-infância como uma etapa diferenciada da vida, dada a crescente complexidade do mundo, altamente modificado com a Modernidade, apenas ao final do século XIX.

Assim, em nossa época, já há uma consolidação do que seria a adolescência, ainda que não seja completamente consensual:

Pode-se afirmar com toda a precisão que ela se inicia com a puberdade (entre dez e doze anos de idade), quando o corpo passa a sofrer uma série de mudanças físicas relacionadas ao preparo para a reprodução e para a preponderância da sexualidade em que o objeto é explicitamente o outro. Porém, a maioria dos especialistas na área não arrisca uma idade precisa para o seu término. De minha parte, prefiro associar-me àqueles especialistas que colocam o término da adolescência no momento em que o sujeito adquire autonomia emocional e financeira, passando a agir com maior segurança e clareza acerca de sua identidade e de suas escolhas – o que não ocorre de um momento para o outro, sendo um processo gradativo. (SILVA, 2021, p.2)

Como não é um consenso a definição de adolescência, é mais válido, para este momento, enumerarmos algumas das características que são consensuais entre os seus pesquisadores. Uma delas é a crise de identidade vivida nesta fase da vida, em que o sujeito experimenta diferentes papéis sociais, distancia-se dos pais ou dos seus responsáveis, inicia mais claramente a vida sexual voltada a uma outra pessoa, sente necessidade de estar entre pares (grupos), além de ter que se deparar com duas questões centrais e decisivas para o restante da sua vida: a construção de um projeto de vida afetivo a construção de um projeto de vida profissional (SILVA & STOCO, 2017). É nessa fase, portanto, que o indivíduo está estruturando sua personalidade e formando seus principais valores sociais para o convívio em comunidade, precisando de um tempo e de um cuidado, por parte dos adultos, para que isso aconteça. Calligaris (2000), inclusive, chama de moratória a principal característica da

adolescência, entendendo-a como um tempo de suspensão para que o adolescente incorpore os valores que serão mais consolidados em sua identidade.

Uma vez transmitidos os valores sociais mais básicos, há um tempo de suspensão entre a chegada à maturação dos corpos e a autorização de realizar os ditos valores. Essa autorização é postergada. E o tempo de suspensão é a adolescência. (CALLIGARIS, 2009; p.16)

É na adolescência, também, que o cérebro costuma ser muito mais dominado pelas emoções, havendo pouco espaço para um comportamento mais próximo do que se convencionou chamar de “racional”. Neste período, o cérebro está realizando seus ajustes (crescimento rápido do corpo, mudança profunda na aparência e na auto-imagem, desenvolvimento dos órgãos sexuais etc.). O cérebro precisa fazer o reconhecimento dessa nova imagem ao ajuste dos mapas sensório-motores, sendo necessária uma reestruturação do reconhecimento do corpo.

De fato, a transformação trazida pela puberdade é considerável. Tanto do ponto de vista fisiológico quanto da imagem de si que deve se adaptar a essa mudança. (CALLIGARIS, 2009; p.20)

Ao longo de mais ou menos 12 anos, as crianças, por assim dizer, se integram em nossa cultura, entre outras coisas, elas aprendem que há dois campos nos quais importa se destacar para chegar à felicidade e ao reconhecimento pela comunidade: as relações amorosas/sexuais e o poder (ou melhor, a potência) no campo produtivo, financeira e social. Em outras palavras, elas aprendem que há duas qualidades subjetivas que são cruciais para se fazer valer em nossa tribo: é necessário ser desejável e invejável. (CALLIGARIS, 2000; p.14, 15)

Herculano-Houzel (2013) explica outras mudanças a partir do estudo do cérebro adolescente: a partir dos 11 anos, o cérebro faz uma “limpeza sináptica”, no qual armazena uma série de informações e as coloca fora do alcance consciente, gerando um vazio a ser preenchido por novas coisas. Por causa disso, inclusive, há uma baixa no sistema de recompensa: o prazer e a alegria precisam ser reaprendidos a partir de novas experiências. Nesse processo, ocorrem novas e intensas conexões sinápticas, responsáveis por criar mais conexões dentro do cérebro, mas que demandam um tempo para serem consolidadas. O adolescente, com isso, perde o interesse de tudo aquilo que era importante na sua infância e que lhe trazia felicidade. Esse acontecimento, inclusive, altera as estruturas encefálicas que são responsáveis pela sensação de prazer (sistema de recompensa).

O adolescente passa por um período em que tem dificuldade na concentração, trazendo descontentamento, angústias, falta de interesse, desprezo, tédio e chateação pela maioria das coisas.

É bem provável que você passasse por um leque variado de sentimentos: raiva, ojeriza, desprezo e enfim rebeldia. (CALLIGARIS, 2009; p.14)

Como o sistema de recompensa fica em baixa, o cérebro precisará de novos estímulos para que haja o mínimo de sensação de prazer ou de recompensa. É nesta fase da vida que uma pessoa está mais propensa a cometer grandes riscos (HERCULANO-HOUZEL, 2013), sendo mais propensa a a comportamentos de riscos: a vontade de comer exageradamente, não se importar com os perigos, usar de drogas ilícitas, o sexo como compulsão, a música alta etc.

Grande parte das dificuldades relacionais dos adolescentes, tanto com os adultos quanto com seus coetâneos, deriva dessa insegurança. Tanto uma timidez apagada quanto estardalhaço maníaco manifestam as mesmas questões, constantemente à flor da pele, de quem se sente não mais adorado e ainda não reconhecido: será que sou amável, desejável, bonito, agradável, visível, invisível, oportuno, inadequado etc.? (CALLIGARIS. 2009; p.25)

Além disso, de acordo com Herculano-Houzel (2013), como seu córtex pré-frontal está em amadurecimento, ele apresenta dificuldades de concentração, dificuldades de planejamento e em ter mais empatia pelo outro (inclusive porque, para haver empatia, ele precisaria ter vivido a experiência do outro. Então são vistos, frequentemente, como irresponsáveis.

O domínio das emoções (HERCULANO-HOUZEL, 2013; AMARAL, 2006) sobre o próprio comportamento, portanto, é o elemento mais caracterizador desta etapa da vida. Porém, esta prevalência das emoções costuma ser esquecida na educação de adolescentes, os quais são tratados muitas vezes, como apenas um cérebro desprovido de emoção, pronto para atuar cognitivamente, única e exclusivamente voltado a aprender determinados conteúdos, quase sempre técnicos:

É como se o essencial desses jovens, ou seja, sua dinâmica emocional, estivesse passando ao largo do mundo adulto. Ao contrário disso, exige-se uma competência desses jovens, os quais são avaliados segundo uma racionalidade totalmente alheia ao imaginário dos mesmos (AMARAL, 2006; p.94).

Este predomínio das emoções como fator dominante na educação de adolescentes deve ser um fator importante para um professor levar em consideração quando está atuando profissionalmente. Quando as emoções são trabalhadas com qualidade em sala de aula, consegue-se mais êxito no processo de ensino-aprendizagem (SILVA & STOCO, 2017).

Em suma, por causa dessas emoções, o adolescente deixa de lado grande parte dos seus hábitos infantis (brincadeiras, brinquedos e até mesmo as amizades da infância) e começa a vivenciar novas descobertas. Ele tenta se encontrar e se conhecer de forma mais aprofundada. Nesse período, vai gostar de novas coisas e se desinteressar rapidamente por outras. Até que ele aprenda, prevalecem emoções como o tédio, alternados pelo gosto por viver em risco ou por qualquer outra situação em que haja a sensação de fortes emoções.

É na adolescência, também, que há uma busca por novas referências, que podem ser uma pessoa (geralmente um professor ou um adulto próximo ou um ídolo famoso), mas também um determinado conhecimento, entre outros elementos (SILVA, 2021). Nessa busca por referências, ele acaba distanciando-se dos pais e aproximando-se mais dos amigos:

O adolescente transforma assim sua faixa etária num grupo social, ou então num conglomerado de grupos sociais dos quais os adultos são excluídos e que os adolescentes podem mutuamente se reconhecer como pares.

Contrariamente às crianças, os adolescentes em geral consideram que sua verdadeira comunidade não é a família. (CALLIGARIS, 2009; p.35, 36)

A preocupação em conseguir o primeiro emprego e entrar no mercado de trabalho é outro grande marco da adolescência:

O trabalho é uma característica fundamental do homem e das sociedades humanas e deve, pois, ser levado em conta na educação mais ampla, e não sacrificar esta, como hoje se vê na sociedade capitalista e na lógica neoliberal da globalização. (CHARLOT, 2005; p.145).

Além de fatores intrínsecos a esta fase da vida, a adolescência também é fortemente influenciada pela sociedade em que vive, a qual alguns autores (SILVA, 2021; AMARAL, 2006) chamam de pós-moderna, fortemente dominada pela racionalidade (razão), ao mesmo tempo em que surgem novas irracionalidades, e com a prevalência de grande fluidez de valores, forte dificuldade em constituir identidades sólidas (agravadas pela adolescência) e grande poder do consumo como marcador de sucesso ou de razão para viver:

Como consequência, deixa-se o próprio ser humano como escravo dessa razão, já que a sua subjetividade, preenchida anteriormente por valores e papéis sociais bem-definidos, ainda que por algumas vezes sejam considerados transcendentais (caso das religiões), aparece como sujeição ao existente que, no caso, são os meios essencialmente materiais, manifestados pelo mundo da produção e de consumo. (SILVA, 2021, p. 5).

Com isso, o sujeito adolescente fica com mais dificuldade ainda de enfrentar a sua crise de identidade, causando ainda mais inseguranças e incertezas, porque busca responder suas próprias questões e conflitos, ao mesmo tempo em que, quando olha para a sociedade, não se vê fazendo parte dela. Além disso, torna-se presa fácil do consumismo, privilegiando uma forma de vida baseada mais no “ter” do que “no ser” (AMARAL, 2006).

1.2. Adolescência no contexto escolar.

Todo esse quadro atinge as escolas voltadas aos adolescentes. O ambiente escolar precisa, constantemente, ir repensando os espaços (ambientes) e suas propostas pedagógicas, de modo a contribuir ainda mais no processo educativo dos adolescentes, abrindo espaços para as emoções, de modo a ser ter um maior aproveitamento na sua aprendizagem e, com isso, colaborar para o sujeito adolescente que está em desenvolvimento.

Contudo, de maneira geral, os professores de Ciências ou Biologia não têm uma grande preocupação em estudar os seus alunos adolescentes, estando, muitas vezes, mais preocupados em estudar e ensinar os seus conteúdos, independentemente das características do público com o qual trabalha. Por isso mesmo, esses profissionais não se veem como “professores de adolescentes” (MARCONDES & SILVA, 2021), de modo que as questões de adolescência que inevitavelmente aparecem em suas aulas costumam ter caráter impeditivo ou indesejado para o processo de ensino-aprendizagem (SILVA, 2021).

Além disso, este adolescente está dentro de uma sociedade que estimula aspectos como o consumo, a competição, a supervalorização de processos técnicos e superficiais etc. Para dar conta minimamente das questões de adolescência, entretanto, é preciso refletir profundamente sobre as questões da própria adolescência, as quais estão muito distantes dessa forma tecnicista e superficial da sociedade. A escola precisa trabalhar a coletividade, a cooperação, o humanismo, a disciplina (no sentido da concentração e do rigor), resgatando aquilo que pode ser construído, ainda que não de forma imediata. É, preciso, pois, apontar para visões de mundo, para transformação de realidades:

O conhecimento construído através do processo educativo, nessa perspectiva, tem a função de motivador e impulsionador da ação transformadora. (ANTUNES; PADILHA, 2010; p.49)

Sendo assim um sujeito participativo e bem esclarecido, confiante em suas escolhas e ações que futuramente irá realizar. Um sujeito que, no futuro, em sociedade, vai ter boas práticas, ajudando e cooperando para a construção de uma sociedade mais justa e melhor.

Nesse processo de leitura e de releitura do mundo, de leitura e releitura da palavra, há uma leitura mais crítica do mundo e da palavra sujeito, que constrói uma visão de mundo e que pode, partir dessa visão, não apenas vê-lo, entendê-lo melhor, mas pode, assim fazendo, entender melhor a si mesmo e entender como somos capazes de mudar o mundo pela nossa ação. (ANTUNES; PADILHA, 2010; p.50)

Nesse cenário, o educador nunca pode querer disputar “espaço” (GUTIERRA, 2003) com os adolescentes, embarcando nos sentimentos de inoperância ou de desmotivação por causa das próprias características presentes neles (como a falta de interesse, o tédio, a contestação do mundo adulto e os desafios para se construir uma boa relação com eles). Gutierrez (2003) afirma que um professor “possível” de adolescentes jamais pode disputar com ele no "imaginário". Neste sentido, o professor precisa acolher as questões adolescentes, mas também impor a sua figura simbólica de autoridade, com regras claras (e poucas), cumpridas e valorizadas (ou muito bem explicadas, quando isso não puder acontecer). Cabe ao professor, portanto, o papel de adulto da relação: agindo com firmeza, mas também com serenidade, deixando claros os limites, atuando para educar sempre, valorizando o conhecimento que busca ensinar. O professor precisa mostrar que não fez aquele papel exclusivamente pelo aluno, mas para atender aos objetivos que a sociedade ou mesmo a humanidade lhe exige: promover as pessoas, garantir que o conhecimento e os valores construídos pela humanidade permaneçam na mente das pessoas, dentre outras funções.

Para se conseguir isso, uma das medidas consiste em discutir com os adolescentes as próprias características dessa fase da vida presentes nos estudos sobre o tema. Há diversos trabalhos que registram os resultados de se discutir com os próprios adolescentes as questões trazidas pela adolescência (SILVA, 2021; SILVA, 2008; AMARAL, 2006). Todos apontam para um sentimento de tranquilização e de satisfação dos alunos após este processo. Todas as alegrias e dificuldades da fase da vida permanecem com eles, mas ficam mais fáceis de lidar (nas palavras deles) após essas discussões.

Por isso, é de suma importância que um professor construa bons laços de afetividades com seus alunos – esses laços são diferentes da amizade. Na verdade, ser professor de adolescentes é, sempre, saber que o processo de ensino-aprendizagem, neste caso, será viabilizado por meio da afetividade, em especial com o conhecimento a ser ensinado. E isso não significa ser amigo dos alunos (GUTIERRA, 2003).

Valorizar os seus alunos é uma questão de respeito e reconhecimento ao sujeito que, se bem aplicados, farão toda a diferença em sala de aula, pois o sujeito em formação acaba se reconhecendo no outro sujeito que está o formando.

Os educandos dialogam entre si e com o educador sobre seu conhecimento, sobre sua vida. Esses diálogos contribuem para que o educador apreenda a visão dos alunos sobre a situação problematizada para fazê-los perceber a necessidade de refletir sobre outros conhecimentos a fim de melhor entendê-la. (ANTUNES; PADILHA, 2010; p.50)

Essas emoções e essa necessidade de buscar uma identidade mais consolidada, inclusive com sentimento de pertencimento à sociedade, podem ser trabalhadas de modo a fazer com que os adolescentes desenvolvam uma boa relação com o saber, em especial, com o de Biologia, objeto de interesse deste trabalho.

1.3 Relação com o saber

Estudar a relação com o saber por parte dos estudantes é sempre muito difícil por causa da enorme possibilidade de significados para isso. Charlot (2005) aponta que o assunto é antigo, sendo objeto de problematização e de preocupação desde os anos 1960, em especial por parte dos psicanalistas (que a abordam a partir da questão do desejo) e pelos sociólogos da educação – esses estão muito fortemente interessados em compreender a relação dos estudantes trabalhadores com o conhecimento escolar. No caso dos sociólogos, buscava-se reduzir desigualdades via educação e, para que isso ocorresse, era fundamental compreender como o aluno mais vulnerável poderia se relacionar melhor com o conhecimento.

De maneira geral, quando se fala em relação com o saber:

[...]trata-se de uma reflexão antropológica sobre o homem confrontado com o saber e, mais amplamente, com a necessidade de aprender. O que está em causa, como vimos, é a natureza do desejo no homem, é o fato de que o sujeito humano é indissociavelmente social e singular; é, de uma forma mais geral, a questão da humana condição (CHARLOT, 2005, p.41/41).

O mesmo autor destaca que não se pode falar em relação com o saber sem que se discuta a questão do “aprender saberes”.

Nascido de maneira inacabada (neotênico), o filhote do homem torna-se humano somente ao se apropriar de uma parte do patrimônio que a espécie humana construiu ao longo de sua história. Ora, esse patrimônio se apresenta sob a forma de saberes (objetos intelectuais, como modo de ser é a linguagem), mas também de

instrumentos de práticas, de sentimentos, de formas de relações etc., que devem ser aprendidas igualmente (CHARLOT, 2005, p.42).

Charlot (2013, p.43), inclusive, destaca que “não há saber se não em uma relação com o saber”. Por isso, “não se pode pensar o saber (ou o aprender) sem pensar ao mesmo tempo o tipo de relação que se supõe para construir esse saber ou para alcançá-lo”. (IDEM, IBIDEM, p.43).

A discussão da relação com o saber torna mais relevante a necessidade de os professores precisarem ter um cuidado, um olhar diferenciado sobre como os adolescentes estão se relacionando com o que se pretende ensinar. Afinal, o aluno está inserido no mundo e isso interfere em todas as suas escolhas, sejam familiares, sociais ou emocionais, e elas não ficam anuladas no momento de aprender. Pelo contrário. No caso dos adolescentes, as emoções presentes no ato de aprender são, ao mesmo tempo, a porta de entrada, a forma de lidar durante o processo de aprendizagem e a forma de incorporar aquele conhecimento por parte dos adolescentes pelo resto de sua vida.

Na escola, o aluno desenvolve conhecimentos, vive experiências (incluindo desafios, frustrações, medo de aprender e alegrias por conquistar a aprendizagem), sendo que muitas delas são compartilhadas com outras pessoas do grupo - e aqui é importante destacar a classe social, as origens raciais, as profissões etc.), mas a relação acaba sendo sempre individual. Há muitas diferenças entre as pessoas numa única turma, de tal maneira que essas escolhas e desejos são, sempre, individuais.

A teoria do habitus, no entanto, depara-se compreender com duas dificuldades maiores, aliás, relacionadas: por um lado, deve-se compreender como se constroem essas disposições psíquicas socialmente estruturadas, isto é, explicar o próprio habitus: e por outro, é preciso compreender por que apesar de tudo, certas crianças dos meios dominados obtêm sucesso na escola e por que certas crianças de famílias dominantes fracassam nesse ambiente. Pode-se sustentar, evidentemente, a hipótese de uma variabilidade do habitus que reflita a complexidade do social, mas não se pode mais, então, parar em uma análise em termos puramente de categorias socioprofissionais, torna-se obrigatório levar em conta a história dos indivíduos. As duas objeções levam à mesma conclusão: não se pode realizar apenas uma análise em termos de posições sociais; é necessário considerar também a história do sujeito, a de sua construção e a de suas transformações. (CHARLOT, 2005, p. 40).

Para além dos psicanalistas e sociólogos, Freire (1996) afirma que é necessário reconhecer grande parte dessas características que compõem a figura do educando,

valorizando sua história de vida e, sobretudo, o conhecimento trazido por ele. Freire (1996), inclusive, também destaca a questão das emoções presentes no processo de ensinar e aprender, conforme vemos a seguir:

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e do outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação. Conhecer não é, de fato, adivinhar, mas tem algo que ver, de vez em quando, com adivinhar, com intuir (FREIRE, 1996, p. 20).

Além do interesse e de objetivos distintos, há formas e tempos diferentes de aprendizagem para cada aluno, e isso pode estar relacionado com a forma com a qual ele se relaciona com determinado saber. Isso vai interferir na sua maneira de aprender e nas razões ou motivações para estudar. Por causa disso, é preciso evitar, a qualquer custo, que ele desenvolva uma relação mecânica com o conhecimento e com a escola dentro do processo educativo. É preciso, pois, que determinado conhecimento faça-lhe sentido:

O sujeito se constrói pela apropriação de um patrimônio humano, pela mediação do outro, e a história do sujeito é também a das formas de atividade e de tipos de objetos suscetíveis de satisfazerem o desejo, de produzirem prazer, de fazerem sentido. (CHARLOT, 2005, p. 38).

Para entendermos um pouco mais essa discussão em um contexto específico, usamos como referência o trabalho “A relação com o saber, com o aprender e com a escola: uma abordagem em termos de processos epistêmicos”, da autora Maria José Braga Viana, publicado em 2009, que aborda a relação com o saber, com o aprender e com a escola, com base em entrevistas realizadas com alguns estudantes de universidades. Segundo a autora, pode haver uma melhor relação com o saber entre estudantes no âmbito universitário se forem preparadas medidas de acolhimento, dentre elas a ênfase a ser feita pela Universidade em oferecer informações e acessos sobre o seu funcionamento e o que os estudantes precisam fazer para dar conta da rotina de estudos. Isso é mais necessário ainda se forem estudantes que chegam nas vagas remanescentes, já com as aulas em andamento.

Além disso, segundo a autora, para os estudantes das camadas mais populares, é importante pensar em formas de contribuir com suas tarefas diárias, criando assim uma rede de estudantes, com encontros presenciais ou *on-line* para esses alunos que estão apresentando dificuldades e dúvidas em relação a algumas matérias.

Segundo esta autora, a Universidade é o lugar em que o estudante consegue chegar para obter conhecimento e cultura, e a vaga foi conquistada pelo seu esforço. Contudo, os estudantes das camadas mais populares podem apresentar grande dificuldade em lidar com a cultura universitária. Segundo a autora, isso pode criar dificuldades de vínculos¹ entre ele e os outros estudantes, entre ele e o professor, entre ele e o conhecimento etc., dificultando a sua relação com o saber. Pode gerar-lhe um sentimento de exclusão que pode ser muito difícil de superar.

Por isso, muitos estudantes precisam enfrentar a barreira do medo, a vergonha, a timidez e o receio daquilo que não sabem ou não conhecem para conseguirem concluir os seus estudos e, assim, alcançarem seus objetivos. Para Charlot (2005), os jovens das camadas populares geralmente associam seus estudos à escola com o pensamento de melhorar no futuro suas condições sociais, não passando por privações iguais às de seus pais. É este objetivo que fica mais difícil de ser alcançado se este acolhimento não for bem feito.

Entendemos que o momento inicial de contato de um adolescente com um novo professor, uma nova matéria e um novo nível de ensino precisa ser olhado com mais atenção exatamente por ser o início da relação com todas essas variáveis, especialmente com aquele saber específico da área. Por causa disso, é fundamental estar atento à forma inicial com que um professor ou uma matéria são apresentados nos primeiros dias dos alunos – o que estamos chamando aqui de acolhimento. É o que discutiremos a seguir.

¹ Algumas definições de vínculo nos dicionários:

- a. Minidicionário da Língua Portuguesa Ximenes: **1.** Aquilo que une, liga ou aperta. **2.** *Fig.* Ligação moral. **3.** Subordinação. **4.** Nexa, sentido.

- b. Melhoramentos Minidicionário da Língua Portuguesa

- 1.** Atadura, nó. **2.** Relação, subordinação. **3.** Nexa, sentido.

Então, adotamos vínculo como um laço que une dois elos, em particular, no nosso caso, estamos pensando em vínculos de natureza afetiva. Portanto, assumimos que se trata de algo profundo que é estar com as pessoas, relacionar-se, fazer parte de um grupo, conviver em um meio social.

Capítulo 2: As pesquisas sobre acolhimento em geral e no contexto escolar

Neste capítulo, discutiremos o acolhimento², verificando como ele se apresenta em diferentes situações onde é estudado.

2.1. As pesquisas sobre o acolhimento

Logo de início, constatamos que o acolhimento costuma ser objeto de grande atenção na área da saúde, ou na educação de estudantes institucionalizados e nas escolas de educação infantil, não sendo objeto de preocupação para adolescentes em escolas regulares.

Contudo, para termos mais certeza dessa impressão, fizemos uma pesquisa bibliográfica em diversos periódicos, inclusive no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. Neste portal, tivemos grandes dificuldades em encontrar trabalhos na área da educação com a palavra-chave “acolhimento”, ao mesmo tempo em que aparecia um número exorbitante de trabalhos na área da saúde. Também buscamos a palavra nos anais do Encontro Nacional de Pesquisadores em Ensino de Ciências (ENPEC) dos últimos dez anos, sem que tivéssemos nenhum êxito.

Por isso, centramo-nos em focar exclusivamente a nossa pesquisa no portal Pepsico³ (Portal de Periódicos de Psicologia). Para um trabalho de conclusão de curso, o número de resultados encontrados era adequado para o que conseguiríamos efetivamente fazer.

Para encontrarmos nossos dados, fizemos a busca a partir do assunto “acolhimento” no referido Portal. Conseguimos, então, 90 resultados. Lemos todos os títulos e, algumas vezes, o resumo. Depois, desprezamos aqueles que não se referiam a acolhimentos para adolescentes. Ao final ficamos com 33 títulos.

²2. Algumas definições de acolhimento nos dicionários:

i. Minidicionário da Língua Portuguesa Ximenes

a.co.lhi.da *sf.* ou **a.co.lhi.men.to** *sm.* **1.** Recepção que se faz a alguém. **2.** Atenção, consideração. **3.** Refúgio, proteção.

ii. Melhoramentos Minidicionário da Língua Portuguesa

a.co.lhi.da *sf* **1.** Ato ou efeito de acolher; acolhimento. **2.** Refúgio, abrigo.

Usaremos a definição desses dicionários, acrescentando que estamos nos referindo a um comportamento que pretende gerar, no outro, uma sensação de confiança, empatia mútua e abrigo. Em nosso trabalho, destacamos como isso pode acontecer em momentos iniciais, mas destacamos que o acolhimento pode se manifestar em diversos outros momentos.

³ O portal pode ser acessado no link: < <http://pepsic.bvsalud.org/>>. Acesso em 15 de julho de 2022.

Esses títulos que restaram foram separados e classificados por nós em categorias, as quais construímos a partir do foco que os referidos trabalhos escolhiam.

A primeira categoria abarca trabalhos que envolvem o acolhimento institucional de adolescentes (em abrigos), os quais foram privados em alguns casos de seu convívio com a família. Há casos de situação envolvendo adolescentes vítimas de violência, ou porque as famílias estão em pobreza extrema ou casos de abandono parental.

A segunda categoria refere-se ao acolhimento oferecido a adolescentes infratores e que, portanto, ou estão privados de liberdade (poucos casos) ou estão em fase de reincorporação à vida familiar e à vida social após o período de privação de liberdade (liberdade assistida, por exemplo).

A terceira categoria refere-se ao acolhimento oferecido a estudantes com problemas de saúde após um período prolongado em hospitais ou outros órgãos de saúde. O maior objetivo desses trabalhos é o de oferecer um acolhimento adequado a este adolescente em sua reinserção nas famílias e na saúde. Os casos mais comuns envolvem adolescentes com a saúde mental comprometida

A quarta categoria abarca o acolhimento para adolescentes com foco no contexto escolar. Esses trabalhos costumam estar mais focados na reinserção escolar de estudantes após passarem um período privados de liberdade ou em situações de liberdade assistida (o que os estudiosos chamam, ainda, de adolescentes institucionalizados).

A quinta categoria envolve o acolhimento para famílias de adolescentes. São trabalhos cuja maior preocupação é ajudar a reconstruir laços afetivos do adolescente com o restante da família, bem como criar redes de apoio. Aqui, nesses casos, nem sempre há o destaque para adolescentes que ainda cumprem ou já cumpriram pena ou que apresentam algum problema de saúde. O foco maior é o de atender a essas famílias como um todo, sendo o adolescente um elemento dela.

A seguir, apresentamos essas categorias e alguns exemplos de títulos encontrados.

Quadro 1: Exemplos de títulos de trabalhos encontrados separados por categorias.

Assunto	Todos os títulos deste assunto
Acolhimento institucional de adolescentes (abrigo)	Souza, Fernanda Hermínia Oliveira and Cunha, Eduardo Leal A esperança na família: uma leitura psicanalítica do acolhimento institucional. <i>Rev. Epos</i> , Dez 2011, vol.2, no.2, p.0-0. ISSN 2178-700X Figueiredo, Juliana Gomes de and Aragão, Elizabeth Maria Andrade Crianças e adolescentes acolhidos: história tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas. <i>Rev. Epos</i> , Dez 2013, vol.4, no.2, p.00-00. ISSN 2178-700X Fonseca, Patrícia Nunes da. O impacto do acolhimento institucional na vida de

	<p>adolescentes. <i>Rev. psicopedag.</i>, 2017, vol.34, no.105, p.285-296. ISSN 0103-8486</p> <p>Cassarino-Perez, Luciana et al. Transição entre o acolhimento e a vida adulta: uma revisão sistemática sobre intervenções. <i>Temas psicol.</i>, Set 2018, vol.26, no.3, p.1665-1681. ISSN 1413-389X</p> <p>Paludo, Simone dos Santos, Mazzoleni, Martina and Silva, Ana Paula Cardoso da Expressão de esperança em adolescentes em situação de acolhimento institucional. <i>Rev. SPAGESP</i>, 2018, vol.19, no.1, p.76-89. ISSN 1677-2970</p> <p>Wendt, Bruna et al. Imagens sociais atribuídas às instituições de acolhimento. <i>Rev. SPAGESP</i>, 2018, vol.19, no.1, p.35-48. ISSN 1677-2970</p> <p>Ramos, Renato and Euzébios Filho, Antônio A problemática da pobreza nos acolhimentos realizados nos serviços de acolhimento institucional para crianças e adolescentes e os desafios para a atuação do psicólogo. <i>Psicol. rev. (Belo Horizonte)</i>, Ago 2019, vol.25, no.2, p.759-773. ISSN 1677-1168</p> <p>Silva, Cláudia Yaísa Gonçalves da and Motta, Ivonise Fernandes da A perspectiva de futuro no contexto da adolescência em acolhimento institucional. <i>Nat. hum.</i>, Dez 2020, vol.22, no.2, p.189-203. ISSN 1517-2430</p> <p>Zappe, Jana Gonçalves et al. Imagens sociais de famílias com filhos em acolhimento e em contexto familiar: um estudo entre Brasil e Portugal. <i>Estud. pesqui. psicol.</i>, Jan 2017, vol.17, no.1, p.181-204. ISSN 1808-4281</p> <p>Both, Luciane Maria. O conto como possibilidade de revivência representacional do abandono. <i>Aletheia</i>, Dez 2017, vol.50, no.1-2, p.58-70. ISSN 1413-0394</p>
<p>Acolhimento para adolescentes infratores</p>	<p>Álvares, Amanda de Melo and Lobato, Gledson Régis Um estudo exploratório da incidência de sintomas depressivos em crianças e adolescentes em acolhimento institucional. <i>Temas psicol.</i>, Jun 2013, vol.21, no.1, p.151-164. ISSN 1413-389X</p> <p>Cassarino-Perez, Luciana, Montserrat, Carme and Sarriera, Jorge Castellá Fatores Protetivos e de Risco na Transição entre o Acolhimento Institucional e a Vida Adulta. <i>Estud. pesqui. psicol.</i>, Abr 2020, vol.20, no.1, p.142-167. ISSN 1808-4281</p> <p>Vieira, Érico Douglas and Romagnoli, Roberta Carvalho Acolhimento psicológico com sujeitos marginalizados: tensões entre o tradicional e o instituinte. <i>Arq. bras. psicol.</i>, 2019, vol.71, no.1, p.112-127. ISSN 1809-5267</p>
<p>Acolhimento para estudantes com problemas de saúde</p>	<p>Perspectivas de Profissionais sobre Acolhimento de Crianças e Adolescentes e Reintegração Familiar. <i>Nova perspect. sist.</i>, Dez 2017, vol.26, no.59, p.71-86. ISSN 0104-7841</p> <p>Fossi, Luciana Barcellos and Reinheimer, Fernanda Koch Acolhimento coletivo como espaço de cuidado: uma análise das demandas em saúde mental na adolescência. <i>Rev. Psicol. Saúde</i>, Dez 2019, vol.11, no.3, p.35-48. ISSN 2177-093X</p> <p>Ferreira, Júnia Aparecida and Moreira, Maria Ignez Costa O ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL NA PERSPECTIVA DOS TRABALHADORES DOS SERVIÇOS DE PROTEÇÃO: MÚLTIPLOS SENTIDOS. <i>Psicol. rev. (Belo Horizonte)</i>, Jan 2017, vol.23, no.1, p.256-273. ISSN 1677-1168</p>

	<p>Neves, Claudia Abbes Baeta and Heckert, Ana Lúcia Coelho Micropolítica do processo de acolhimento em saúde. <i>Estud. pesqui. psicol.</i>, Abr 2010, vol.10, no.1, p.0-0. ISSN 1808-4281</p> <p>Carvalho, Cintia Favero et al. Acolhimento institucional: considerações sobre a forma como o cuidado subjetivo se apresenta no cotidiano de trabalho dos educadores sociais. <i>Aletheia</i>, Dez 2015, no.47-48, p.51-63. ISSN 1413-0394</p> <p>Paulon, Simone Mainieri, Coelho, Débora de Moraes and Beck, Fernanda Luz Quando o mundo se movimenta o vivo estremece: narrativas de uma cartógrafa em seu encontro com um coletivo hospitalar. <i>Aletheia</i>, Ago 2010, no.32, p.161-173. ISSN 1413-0394</p>
<p>Acolhimento para adolescentes com foco no contexto escolar</p>	<p>Bernardes, Jade Wagner and Marin, Angela Helena Intervenção com educadoras sociais no contexto de acolhimento institucional: relato de experiência. <i>Rev. SPAGESP</i>, 2019, vol.20, no.2, p.117-130. ISSN 1677-2970</p> <p>Leal, Noêmia Soares Barbosa and Alberto, Maria de Fatima Pereira Jovens em acolhimento institucional: desafios entre a distorção série-idade e a formação profissional. <i>Estud. psicol. (Natal)</i>, Set 2020, vol.25, no.3, p.303-313. ISSN 1413-294X</p> <p>Vilhena, Junia de et al. O que se passa na infância não fica na infância: sobre o respeito pelo outro nas relações sociais. <i>Estilos clin.</i>, Ago 2017, vol.22, no.2, p.339-353. ISSN 1415-7128</p> <p>Silva, Thiago Pereira da et al. O trabalho em sala de espera como dispositivo clínico: estrutura e função no processo de acolhimento em uma clínica-escola. <i>Estilos clin.</i>, Dez 2016, vol.21, no.3, p.756-771. ISSN 1415-7128</p>
<p>Acolhimento para famílias de adolescentes</p>	<p>Costa, Amanda Cristina Ribeiro da, Cavalcante, Lília Iêda Chaves and Pontes, Fernando Augusto Ramos Metas e estratégias de socialização de pais e avós de crianças em acolhimento institucional. <i>Gerais, Rev. Interinst. Psicol.</i>, Jun 2015, vol.8, no.1, p.94-110. ISSN 1983-8220</p> <p>Brito, Carolina Oliveira de, Rosa, Edinete Maria and Trindade, Zeidi Araújo O processo de reinserção familiar sob a ótica das equipes técnicas das instituições de acolhimento. <i>Temas psicol.</i>, Dez 2014, vol.22, no.2, p.401-413. ISSN 1413-389X</p> <p>Furlan, Vinícius and Sousa, Telma Regina de Paula Família, acolhimento institucional e políticas públicas: um estudo de caso. <i>Rev. psicol. polít.</i>, Dez 2014, vol.14, no.31, p.499-516. ISSN 1519-549X</p> <p>Furlan, Vinicius and Lima, Aluísio Ferreira de Cultura de institucionalização de crianças e adolescentes: Um problema para a psicologia. <i>Rev. psicol. polít.</i>, Abr 2021, vol.21, no.50, p.239-252. ISSN 1519-549X</p> <p>Paiva, Ilana Lemos de et al. A reinstitucionalização de crianças e adolescentes na região oeste de Natal/RN. <i>Rev. SPAGESP</i>, Jun 2020, vol.21, no.1, p.66-76. ISSN 1677-2970</p> <p>Kuabara, Cláudia Yuri Souza, Klipan, Marcos Leandro and Abrão, Jorge Luís Ferreira Família acolhedora: o estabelecimento de relações objetais em situação de acolhimento. <i>Estilos clin.</i>, Ago 2016, vol.21, no.2, p.346-365. ISSN 1415-7128</p> <p>Fukuda, Cláudia Cristina, Penso, Maria Aparecida and Santos, Benedito Rodrigues Configurações sociofamiliares de crianças com múltiplos acolhimentos</p>

	<p>institucionais. <i>Arq. bras. psicol.</i>, Jun 2013, vol.65, no.1, p.70-87. ISSN 1809-5267</p> <p>Lima, Fernanda Tamie Isobe, Pedroso, Janari da Silva and Magalhães, Celina Maria Colino Redes de apoio de famílias de crianças em acolhimento institucional. <i>Rev. Subj.</i>, Abr 2014, vol.14, no.1, p.84-92. ISSN 2359-0769</p> <p>Líbio, Larissa and Zacharias, Dulce Grasel Voltando pra casa: a experiência do acolhimento institucional e os impactos na família. <i>Pensando fam.</i>, Dez 2017, vol.21, no.2, p.118-133. ISSN 1679-494X</p> <p>Belfort, Pollyanna Brandão et al. Representações sociais de família no contexto do acolhimento institucional. <i>Psicol. teor. prat.</i>, Dez 2015, vol.17, no.3, p.42-51. ISSN 1516-3687</p>
--	---

Fonte: A autora. Ano: 2022

Esses resultados são apresentados em sua totalidade no quadro a seguir, em que contabilizamos os títulos encontrados, de acordo com essas categorias.

Quadro 2: Quantidade de títulos encontrados por categorias

Assunto / foco (como a obra discute o assunto)	Quantidade de publicações	Exemplos de títulos
Acolhimento institucional de adolescentes (abrigo)	10	Fonseca, Patrícia Nunes da. O impacto do acolhimento institucional na vida de adolescentes. <i>Rev. psicopedag.</i> , 2017, vol.34, no.105, p.285-296. ISSN 0103-8486
Acolhimento para famílias de adolescentes	10	Furlan, Vinícius and Sousa, Telma Regina de Paula Família, acolhimento institucional e políticas públicas: um estudo de caso. <i>Rev. psicol. polít.</i> , Dez 2014, vol.14, no.31, p.499-516. ISSN 1519-549X
Acolhimento para estudantes com problemas de saúde	6	Paulon, Simone Mainieri, Coelho, Débora de Moraes and Beck, Fernanda Luz Quando o mundo se movimenta o vivo estremece: narrativas de uma cartógrafa em seu encontro com um coletivo hospitalar. <i>Aletheia</i> , Ago 2010, no.32, p.161-173. ISSN 1413-0394
Acolhimento para adolescentes em escolas	4	Leal, Noêmia Soares Barbosa and Alberto, Maria de Fatima Pereira Jovens em acolhimento institucional: desafios entre a distorção sériedade e a formação profissional. <i>Estud. psicol. (Natal)</i> , Set 2020, vol.25, no.3, p.303-313. ISSN 1413-294X
Acolhimento para adolescentes infratores	3	Cassarino-Perez, Luciana, Montserrat, Carme and Sarriera, Jorge Castellá Fatores Protetivos e de Risco na Transição entre o Acolhimento Institucional e a Vida Adulta. <i>Estud. pesqui. psicol.</i> , Abr 2020, vol.20, no.1, p.142-167. ISSN

		1808-4281
Total	33	

Fonte: A autora. Ano: 2022.

Conforme podemos observar no quadro acima, os estudos sobre acolhimento aparecem com mais força nas situações envolvendo família e adolescentes em situação de abrigo. Há, portanto, uma prevalência de aspectos relacionados à assistência social comparativamente, inclusive, àqueles exclusivamente relacionados à saúde com adoecimentos físicos. Mesmo quando há o acolhimento escolar, em menor número, a preocupação ainda parece voltada ao adolescente em situação de máxima vulnerabilidade. Não se trata, portanto, de uma discussão de natureza pedagógica ou didática.

Feita essa pesquisa bibliográfica, escolhemos alguns títulos para nos aprofundar. Foi o caso do trabalho intitulado “Um estudo exploratório da incidência de sintomas depressivos em crianças e adolescentes em acolhimento institucional” (MELO & LOBATO, 2013). Esse trabalho descreve um estudo voltado às questões dos sintomas depressivos em crianças e adolescentes e o quanto isso impacta todo o seu meio social.

Outro trabalho que queremos destacar é intitulado “O SUS e a rede de garantia de direitos: Estado da Arte sobre as publicações científicas concernentes à implantação de serviços de acolhimento a crianças e adolescentes vítimas de violência”, das autoras Clariana Morais Tinoco Cabral e Eulália Maria Chaves Maia, publicado em 2012. Em suma, o texto aborda pesquisas envolvendo a área da saúde sobre a questão de acolhimento das crianças e adolescentes nas mais diferentes regiões do Brasil. Uma informação importante que o texto relata é que de treze artigos escritos, sete se destacam por terem relatos de perfis de casos de crianças e adolescentes vítimas de violência, sendo explicados por servidores responsáveis exclusivamente pelo acolhimento. Em geral, os genitores são os maiores violadores, sobretudo quando se trata de violência sexual. Por causa disso, essas autoras apontam a necessidade de aprimorar a formação de profissionais da saúde, incluindo em seus currículos a violência como prioridade na saúde pública, retirando o foco nos aspectos biológicos e ressaltando o aspecto sociocultural da questão. As autoras apontam que ainda estamos muito distantes de promovermos um acolhimento relevante, também, na área da saúde.

Outro título importante para nós foi “O impacto do acolhimento institucional na vida de adolescentes” (FONSECA, 2017), o qual buscamos fazer um parâmetro entre o que é descrito e o que poderíamos fazer nesta pesquisa de conclusão de curso. No nosso caso em

particular, olhamos como a questão das emoções em adolescentes apareciam nessas situações de acolhimento.

Percebemos que o assunto acolhimento apareceu mais fortemente no período da pandemia de covid-19, iniciado em 2020 e que ainda perdura até os dias de hoje, embora tenha havido, na prática, o fim do isolamento social no ano em que este trabalho de conclusão de curso está sendo feito (em 2022). É o caso do trabalho sistematizado por Cruz (2021), em seu texto que busca sistematizar o tema, especificamente para a pandemia:

No âmbito da continuação funcional da continuidade, destacou-se a manutenção de atividades de rotina dos profissionais e das crianças e adolescentes acolhidos, e quando possível, o estabelecimento de novas tarefas, incluindo atividades para garantir a continuidade da aprendizagem, redução da ociosidade, de forma a favorecer a autonomia. (CRUZ et al., 2021, p. 175)

No que concerne à continuidade pessoal, devem ser planejadas ações diretas de cuidado à saúde mental, considerando o estágio de desenvolvimento das crianças e dos adolescentes. Entretanto, deve-se atentar para o fato de que muitas crianças e adolescentes já estão vulneráveis nos seus repertórios de enfrentamento das adversidades, ou seja, muitas já apresentam fragilidades emocionais pré-existentes, que podem ser potencializadas durante a pandemia. (CRUZ et al., 2021, p. 176)

Outro texto importante para nós foi aquele intitulado “Acolhimento na escola: uma proposta de volta às aulas durante a pandemia na escola estadual Toufic Joulian” dos autores Vilmar Rodrigues dos Santos e Adriana Boy, publicado em 2021. Este trabalho mostra o acolhimento feito em uma escola estadual chamada Toufic Joulian, localizada em Carapicuíba – SP, no retorno às aulas durante a fase menos aguda da pandemia, juntamente com professores, a equipe de professores da escola e a equipe gestora. A proposta envolveu 270 alunos. Segundo a proposta, ao entrarem na escola, os alunos passariam por uma espécie de portal, representado através de painéis, em que os estudantes representavam, em forma de palavras (aspectos positivos e negativos), os sentimentos bons e ruins que lhe surgiram durante a fase mais aguda da pandemia, quando viviam em isolamento social. Após esse primeiro momento, os alunos foram deslocados para uma sala para fazerem outra atividade juntamente com os professores, em que tinham que expressar as suas emoções através de músicas, vídeos, poesias e relatos. Depois expunham suas ideias. Tudo isso foi feito, segundo as autoras, para desenvolver o protagonismo juvenil, objetivo comum das escolas envolvidas no Programa de Ensino Integral da rede estadual paulista. De acordo com as autoras, o isolamento social trouxe privações de muitas coisas que nunca foram vivenciadas pelos

alunos. Nos resultados das análises dos dados da pesquisa foi observado um elevado grau de estresse daquele momento – o que, segundo as autoras, poderia prejudicar demais o retorno dos alunos à escola.

Este trabalho também mostrou que a falta de convívio com os amigos foi o principal elemento negativo trazido pela pandemia, segundo os estudantes. A falta de motivação para as tarefas escolares veio logo em seguida como segundo elemento negativo. Na verdade, todo o conjunto de resultados revela a prevalência das emoções em todo o período, sendo a ausência dos laços afetivos para além da família aquilo que mais queriam com o retorno às aulas. Esses laços afetivos são primordiais para um bom convívio social, nas alegrias, nas brincadeiras e diversões que trazem aos adolescentes.

Nos painéis foram citados outros sentimentos pelos alunos durante o acolhimento como: esperança, empatia e compreensão – todos fundamentais em um momento como aquele. A atividade, portanto, trouxe um sentimento aos alunos de acolhimento e isso foi muito importante para resgatá-los para a vida cotidiana escolar.

2.2 A diferença entre acolhimento de adolescentes e crianças na educação infantil

A fim de compararmos o acolhimento na educação infantil e na educação para adolescentes, destacamos dois trabalhos: “Notas sobre o acolhimento”, da autora Flavia Naethe Motta (2014) e “O impacto do acolhimento institucional na vida de adolescentes”, da autora Patrícia Nunes da Fonseca (2017).

De acordo com o primeiro texto, na educação infantil, há vários fatores que geram certa preocupação, como a falta de docentes nessas áreas (geralmente as turmas nas creches são acompanhadas por um professor e por um auxiliar, que costuma ter apenas o ensino fundamental). E há um enorme déficit de vagas, em especial para as crianças de 0 a 3 anos. A questão do acolhimento para essas crianças é fundamental, sobretudo no início do período letivo, enfatizando a importância das interações das crianças com o ambiente escolar, que é novo para elas e para os seus familiares. A creche precisa receber essas crianças voltando-se com uma atenção especial, pois se trata de uma adaptação. No começo do período letivo, há redução do horário escolar, para que as crianças tenham uma adaptação gradativa àquele espaço. E há dias para que as crianças tragam, por exemplo, seus brinquedos. O acolhimento de uma criança em um ambiente escolar, portanto, é fundamental para o sucesso do seu desenvolvimento social e seu direito de estar e conviver com outras pessoas, formando vínculos com as pessoas à sua volta, além de ter suas experiências e laços de amizades e afeto.

O segundo texto aborda o acolhimento institucional de adolescentes que se encontram vulneráveis, assim com seu convívio em casas de acolhimento. Esses adolescentes são acompanhados por profissionais na área da saúde e eles têm atendimento individualizado para o caso. Segundo a autora, a fase da adolescência caracteriza a transição da fase infantil para a idade adulta, de modo que os adolescentes passam por transformações visíveis como a física com as transformações corporais, a cognitiva acerca do conhecimento, a emocional que envolve as suas emoções e as sociais com suas relações com o outro. Nessa fase, o adolescente está construindo sua identidade, seus vínculos afetivos mudam, ele acaba desfocando-se da família e concentrando-se nas relações sociais em relação ao outro, como a aceitação em um grupo para ser reconhecido. Segundo a autora, é preciso fazer com que o adolescente lide bem com o seu novo corpo (eles perdem a percepção de espaço, sempre tropeçando e batendo nos lugares), além dos hormônios que mudam todo o corpo. Assim como todos os demais pesquisadores, esta autora corrobora o fato de que o domínio das emoções no cérebro adolescente é o grande elemento que caracteriza essa etapa. E aqui, diferentemente do que ocorre na educação infantil, o acolhimento deve primar por estimular o adolescente a entender essas emoções, favorecendo o seu convívio social, de modo a buscar lhe mais segurança e confiança em todos os adultos daquele espaço escolar.

Feitos todos esses estudos, sentimo-nos mais preparados para buscar contemplar parte desses elementos em uma sequência didática, cuja construção detalharemos no capítulo seguinte.

Capítulo 3: Como realizamos este trabalho

Para realização desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), realizamos estudos e leituras acerca, primeiramente, de adolescência, usando, em especial, os autores Silva (2021), Silva & Stoco (2017), Calligaris (2000), Marcondes (2019), Amaral (2006) e Herculano-Houzel (2013). Em seguida, passamos a estudar as relações dos adolescentes com o saber científico, em especial usando a maior referência na área (CHARLOT, 2005). Esses estudos consistiram em leituras e apresentações desses textos em reuniões semanais com o orientador. Juntamente com essas reuniões, havia o pedido de escrita de resumo sobre algumas obras, de modo a treinarmos a escrita para este trabalho de conclusão de curso. Sempre o orientador devolvia o resumo, com uma série de modificações na escrita, até que ela ficasse clara.

Depois de estudarmos esses dois temas, focamo-nos nos estudos sobre acolhimento – o que não foi fácil de fazer. Percebemos que seria necessário fazer uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto para termos mais segurança sobre como agir dali em diante. Ficamos mais tranquilos quando percebemos que o assunto também não é estudado pelos educadores, de maneira geral e, que, portanto, não éramos apenas nós que não sabíamos como fazer.

Os resultados desta pesquisa bibliográfica mostrados no capítulo 2 foram muito importantes para conseguirmos construir a nossa sequência didática. Associada à discussão de adolescência (que destaca as emoções) e da relação com o saber (que também destaca isso), juntamente com o fato da autora deste TCC já ter trabalhado o assunto emoções com seus alunos (há uma proposta do currículo paulista para abordar este tema), o tema “emoções” passou a ser o assunto principal da sequência didática.

Cabe ressaltar que o objetivo, desde sempre, era implementar efetivamente essa sequência didática nas turmas da primeira série do ensino médio de uma escola em Diadema. Contudo, as dificuldades em concatenar a contratação da professora na rede estadual com o calendário do TCC e do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade mostraram-nos que seria impossível fazê-lo.

Assim, escolhemos o tema e buscamos uma forma de construir a sequência a partir dos referenciais que já haviam consolidados modelos didáticos dessas sequências. O trabalho de conclusão de curso de Rúbia de Fátima Antunes (2016) apresentava um modelo bastante consistente de construção de sequência didática, o qual buscamos seguir, ainda que não fizessemos a última etapa do modelo destinado a uma sequência baseada nos estudos de Ciência-Tecnologia-Sociedade (CTS).

Feito isso, elencamos os pontos que queríamos destacar nessa sequência, conforme colocado no quadro a seguir:

Quadro 3: Como buscamos contemplar as ideias trazidas pelos nossos referenciais na sequência didática

Ideias	Ações desenvolvidas na sequência
Adolescência	<ul style="list-style-type: none"> - Escolha do tema “emoção” - Buscar promover auto-conhecimento sobre a adolescência, via conhecimento científico, no contexto escolar; - Estimular o diálogo entre eles e com a professora; - Apontar caminhos de vida para os adolescentes - Apresentar a Biologia como referência que pode ajudar no processo de construção da identidade adolescente.
Relação com o saber científico de Biologia	<ul style="list-style-type: none"> - Fazer com que os estudantes se identificassem com o conteúdo de Biologia - Trazer para o nível de consciência o que o adolescente sente no momento de começar a aprender
Formas de acolhimento	<ul style="list-style-type: none"> - Promover o acolhimento dos alunos nos primeiros dias de aula é essencial para a construção de vínculos; - Promover interações entre os alunos adolescentes e a professora; - Reconhecer sua importância como sujeito, um indivíduo que tem uma vida fora da sala de aula; - Criar um ambiente ao qual o seu aluno adolescente queria fazer parte porque se sente acolhido e reconhecido e compreendido; - Identificar, através das ações propostas, que todos os adolescentes passam pelos mesmos dilemas, questões e podem se reconhecer no outro; - Elevar a auto estima dos alunos adolescentes através dessas ações, ajudando-os a se sentirem valorizados.

Fonte: a autora. Ano: 2022.

A seguir, apresentaremos objetivamente a sequência construída.

Capítulo 4: A sequência didática

Neste capítulo, apresentamos a elaboração de uma sequência de didática, em que o objetivo é a valorização do acolhimento de alunos adolescentes da primeira série do ensino médio nos primeiros dias de aula de Biologia.

Cabe ressaltar que a autora deste TCC já é professora em uma escola pública de Diadema e teve problemas de indisciplina com duas turmas da primeira série no começo do ano letivo. Não apenas ela, mas todos os professores daquela turma tiveram os mesmos problemas. No momento em que estava estudando para este TCC, a autora pensou em como poderia ajudar os alunos a conhecerem aquele seu momento de vida. Então, ela elaborou uma proposta de atividade para esta turma, focando na questão das emoções, para fazer com que se sentissem valorizados em suas aulas. Os alunos foram divididos em 7 grupos e cada um deles tinha os seguintes temas para estudarem/pesquisarem: amor, felicidade (alegria), tristeza, medo, surpresa, raiva e aversão (Nojo). Os grupos se mostraram muito empolgados e empenhados em estudar esses temas, solicitando a ajuda da professora e novos textos sobre o assunto. A professora desta turma, autora deste TCC, sempre procurou apresentar tais sentimentos, também, pelo viés da Biologia, mas sem restringir esses afetos exclusivamente a aspectos biológicos. Uma das ênfases que a autora deu era o da hereditariedade⁴.

Quando as apresentações foram iniciadas (foram duas semanas seguidas), a autora ficou encantada com o desempenho dos alunos, com o seu interesse pelo tema e com a abertura que passaram a ter para os conteúdos de Biologia desde então.

Após esta experiência, este TCC passou a ter como finalidade uma maior sistematização da atividade feita pela autora, incrementando novas ações e refletindo-as, de acordo com o que diziam os referenciais estudados sobre adolescência, acolhimento e relação com o saber.

O resultado disso tudo encontra-se a seguir, com etapas da sequência didática separadas por quadros.

4.1. Construção do primeiro quadro da proposta.

⁴ Os alunos tinham que pesquisar o conceito o que era a hereditariedade, levantando pontos importantes como questão dos genes, gametas, pensando tudo isso em relação à própria família: “Será que tudo isso que vivo ou o que sou tem a ver com os meus pais, meus avós, etc?”. Até que ponto, em cada uma dessas emoções há elementos hereditários e há elementos que são sociais e que fazem parte da personalidade de cada um?

Para um primeiro momento, a nossa proposta é que o professor inicie a aula com uma pequena apresentação para a turma, falando o seu nome e a sua área de formação, em seguida, solicitando para cada aluno apresentar-se. Ao fim, a sugere que, dali em diante, apesar de todas as diferenças, será sempre necessário que haja respeito um pelo outro e que os alunos serão sempre bem acolhidos naquelas aulas. Feito isso, o professor deve propor algumas perguntas (ver quadro a seguir), as quais devem ser discutidas em uma roda de conversa. Esperamos, aqui, que os alunos percebam que há espaços para que falem de si e que a aula não virá apenas do professor, mas deles também.

Em um segundo momento, a proposta é que o professor resgate um pouco as discussões anteriores e comece a introduzir o papel dos hormônios (sistema endócrino; ver quadro) como elementos que podem alterar as emoções, em especial na adolescência. Pretendemos que algumas das respostas dos alunos às perguntas sejam escolhidas para serem respondidas pelo professor já neste momento.

No momento seguinte, será o de os alunos construírem uma árvore de sentimentos. Sugerimos que o professor lhes entregue uma cartolina para que façam desenhos que expressem o que estão sentindo, antes e depois daquela aula. Deverá ser destacado, se possível, que eles devem usar alguns dos conhecimentos sobre hormônios trabalhados na aula anterior para essa discussão.

Esta árvore de sentimentos será a base para que alguns dos conceitos presentes na adolescência sejam discutidos com ele em outra aula. O professor deve apresentar o que é adolescência, de acordo com os referenciais que usamos. Em seguida, os alunos devem escrever em um pequeno pedaço de papel o que estão sentindo em relação às suas emoções (os sentimentos) nos primeiros dias de aula na escola. Consideramos essa parte fundamental exatamente por sabermos que a discussão desses assuntos costuma gerar identificação, tranquilidade e abertura para que o processo seja mais aceito naquela turma.

O que o quadro a seguir apresenta essas ideias de forma mais sistematizada.

Quadro 4 - Momentos da proposta

Aula	Momento			Tempo Sugerido	Sugestão Avaliativa
	Problematização	Debate	Sistematização		

<p>1. Acolhiment o - para os alunos adolescentes da 1ª série do ensino médio, nos primeiros dias de aula de Biologia.</p>	<p>Propor algumas perguntas: Como você está se sentindo hoje? Você consegue identificar claramente seu sentimento agora? É fácil ou difícil ser adolescente? Você acha que a Biologia consegue ajudar você a compreender mais este sentimento?</p>	<p>- Promover a interação entre os alunos através de uma roda de conversa para o debate das perguntas; - Identificar através das perguntas o conhecimento em relação às emoções. Propor que o estudante pense sobre adolescência</p>	<p>Compreender os aspectos das emoções (os sentimentos) ao qual os alunos passam por um turbilhão de emoções, que envolve vários aspectos físicos, emocionais e biológicos. Mostrar a necessidade de discutir adolescência para com eles.</p>	<p>2 aulas de 45 minutos.</p>	<p>Após problematização, realizaremos uma roda de conversa para o debate das perguntas.</p>
<p>2- Sistema Endócrino - os hormônios</p>	<p>Na ciência tem uma área que estuda os hormônios é o sistema endócrino.</p>	<p>• Neste momento, não há.</p>	<p>• Explicar o sistema endócrino, com o material colocado no anexo (ver anexo), sempre a partir das perguntas respondidas pelos alunos; • Pontuar os principais hormônios que atuam no nosso corpo; • Explicar citando</p>	<p>1 aula de 45 minutos.</p>	<p>Explicação do conceito na melhor forma escrita ou oral, exemplificando por meio de exemplos.</p>

			<p>exemplos;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Relacionar com os conceitos aplicados, principalmente na fase da adolescência, onde temos as questões das emoções (os sentimentos). • Afirmar que tais sentimentos não são explicados unicamente pela Biologia (há fatores culturais e sociais presentes neles). 		
3- As emoções	<ul style="list-style-type: none"> • As emoções (os sentimentos) desenvolvidos no período da adolescência dos alunos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Neste momento, não há. 	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar o conceito das emoções dentro da área da Biologia; • Compreender esse processo perante o período tão importante na vida dos adolescentes. • Identificar aspectos relacionados com as suas emoções com o momento que estão passando. 	1 aula de 45 minutos.	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação de uma atividade para os alunos; • Promover aos alunos a realização da construção de uma árvore dos sentimentos; • Desenhar em uma cartolina uma árvore dos sentimentos; • Montar e realizar a construção na cartolina de uma árvore dos sentimentos,

					<p>escrever em folha pequena o que estão sentindo naquele momento. Após isso colar o papel na árvore dos sentimentos, produzida pelos alunos.</p>
<p>4. Debater sobre adolescência</p>	<ul style="list-style-type: none"> Compreender que há aspectos comuns aos adolescentes e que as ciências ajudam muito a compreendê-los. 	<ul style="list-style-type: none"> A turma será dividida em sete grupos e cada um deles deve responder às seguintes perguntas: <ul style="list-style-type: none"> 1. O que é adolescência? 2. Ser adolescente é melhor do que ser adulto ou ser criança? 3. O que há em comum entre todos os adolescentes? 4. Quais são as melhores coisas em ser adolescente? 	<p>O objetivo é que os adolescentes tragam para a sala de aula as questões dos adolescentes vividas diretamente por eles.</p>	<p>2 aulas de 45 minutos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Atividade em grupo e apresentação para a turma.

		<p>5. Quais são as piores coisas em ser adolescente?</p> <p>6. Quais as principais mudanças que o corpo do adolescente passa?</p> <p>7. O que um adolescente gostaria de dizer para a professora de Biologia e para a escola?</p>			
<p>O que é adolescência</p>	<p>Resgatar as questões trazidas pelos alunos no momento do debate.</p>	<p>Não há</p>	<p>-Explicar que adolescência é a fase da vida - que é uma construção histórica;</p> <p>- Que há mudanças no corpo que são mais imperceptíveis: o tédio, o gosto por riscos, a limpeza sináptica;</p> <p>- a busca por novas referências</p> <p>- a crise de identidade</p>	<p>2 aulas de 45 minutos</p>	<p>Apresentação a ser feita pelo professor.</p>

			- a construção do projeto de vida afetivo e profissional		
--	--	--	--	--	--

Fonte: a autora. Ano: 2022

No quadro a seguir, apresentamos esta mesma proposta através de outros objetivos, mais relacionados às atitudes.

Quadro 5 – Conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais para cada aula.

Aula	Conteúdo		
	Conceitual	Procedimental	Atitudinal
1– Acolhimento - para os alunos adolescentes da 1ª série do ensino médio, nos primeiros dias de aula de Biologia.	<input type="checkbox"/> Neste momento, não há.	<input type="checkbox"/> Escrever as respostas dos alunos para o problema apresentado.	<ul style="list-style-type: none"> • Participação na discussão; • Promover a interação entre os alunos; • Conhecer através das respostas e discussão, o que os alunos sabem ou pensam sobre as suas emoções;
2– Sistema Endócrino - os hormônios	Discutir o sistema endócrino e os hormônios envolvidos; Pontuar as principais glândulas; Explicar alguns hormônios e como atuam no corpo dos adolescentes.	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar o conceito sobre o assunto abordado em sala de aula. • Propor uma reflexão sobre o tema abordado para os alunos adolescentes e qual a importância desses hormônios da fase da adolescência. • Demonstrar para os alunos adolescentes a relação dos hormônios nessa fase da sua vida em que as suas emoções (os sentimentos) estão sendo mais vivenciados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Descrever através da aula o sistema endócrino; • Reconhecer através da aula e discussão sobre o tema, onde as glândulas atuam para a produção dos hormônios; • Aborda para os alunos adolescentes a questão dos hormônios e como esses hormônios atuam nessa fase da adolescência e nas suas emoções.

<p>3– As emoções – os sentimentos</p>	<p>(Sentimentos)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Amor • Felicidade (Alegria) • Tristeza • Medo • Surpresa • Raiva • Aversão (Nojo) 	<ul style="list-style-type: none"> • Descrever os sentimentos envolvidos em cada emoção; • Explicar as características básicas do sentimento; • Relacionar os sentimentos com o indivíduo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Propor aos alunos a reflexão sobre os sentimentos e suas características; • Conscientizar a importância das suas emoções (os seus sentimentos); • Reconhecer a importância da ciência para os estudos das emoções (os sentimentos) na fase de um adolescente.
<p>4– Sistematização do trabalho sobre as emoções</p>	<p>□ Planejar e descrever as relações das nossas emoções (os sentimentos) nesse momento, iniciais das aulas.</p>	<p>Promover a interação entre os alunos.</p> <p>- Relacionar e propor a discussão dos conceitos e conteúdos apresentados com essa fase da vida dos alunos adolescentes onde as emoções estão tão presentes e sendo vivenciadas.</p>	<p>-Organizar os alunos em grupos para realização da atividade;</p> <p>- Resolver em grupo qual o modelo de árvore será construído.</p> <p>- Desenhar em uma cartolina uma árvore.</p> <p>- Descrever em um papel, qual com seu sentimento ou o que está sentindo nesse primeiro momento, em uma folha pequena que o aluno adolescente irá colar na árvore.</p> <p>- Demonstrar a árvores das emoções (os sentimentos), pronta para os alunos adolescentes e retificar a importância desse momento na vida de um adolescente é um momento crucial para sua vida adulta.</p>
<p>Debates e aulas sobre adolescência.</p>	<p>Promover aos alunos adolescentes um momento ao qual possam expor suas emoções e com isso se reconhecer entre</p>	<p>Propor através dessa ação além da participação, os conhecimentos essenciais sobre o que ser um adolescente;</p> <p>Reconhecer através das ações propostas anteriormente, a importância da fase da</p>	<p>Organizar os alunos em sala de aula, através de uma roda de conversa;</p> <p>Propor aos alunos em forma de debate que coloquem suas ideias, opiniões o que acham sobre todas as questões que envolvem a adolescência;</p>

	os seus amigos adolescentes.	adolescência e como esse momento pode ser também vivenciado pelos seus amigos adolescentes; Proporcionar um auto conhecimento através do outro.	Promover com esse debate à importância de saber sobre adolescência e todos os conceitos apresentados que podem auxiliar a se reconhecer e respeitando o seu momento; Desenvolver através desse debate o reconhecimento do que é ser um adolescente e os seus sentimentos e a sua importância como indivíduo que está vivenciado tudo isso nesse momento.
--	------------------------------	--	---

Sentimos necessidade de buscar, de forma mais cuidadosa, evitar uma biologização excessiva das emoções, buscando focar nas questões sociais envolvidas nelas. Por causa, disso, seguimos um modelo de sequência didática que sugere pensar em conhecimentos científicos a partir da junção ciência-Tecnologia e Sociedade. O resultado está no quadro a seguir.

Quadro 6 – Aspectos de C, T e S que podem ser abordados em cada aula.

Aula	CTS		
	Ciência	Tecnologia	Sociedade
1– Acolhimento - para os alunos adolescentes da 1ª série do ensino médio, nos primeiros dias de aula de Biologia.	Aplicar uma sondagem com os alunos adolescentes através de algumas perguntas:	Neste momento, não há.	Propor a interação entre os alunos através das perguntas; Desenvolver o convívio entre os alunos adolescentes; Promover reflexões e diálogos com as perguntas com essa roda de conversa para saber o ponto de vista e sua opinião e assim desenvolver o seu conhecimento acerca das suas emoções.

<p>2–Sistema Endócrino -os hormônios</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar as principais glândulas envolvidas nesse sistema e seus hormônios; • Reconhecer como esses hormônios atuam principalmente no corpo de um adolescente que está passando por várias mudanças significativas para essa idade; 	<p>Aplicar a apresentação para os alunos utilizando recursos tecnológicos em sala de aula.</p> <p>Demonstrar através de imagens ou vídeos o sistema endócrino com pontos importantes: as glândulas e os hormônios envolvidos nesse sistema;</p>	<p>Compreender e respeitar a importância dessa fase que os adolescentes estão passando com essas transformações hormonais são fundamentais para orientação e compreensão do seu próprio corpo;</p> <p>Demonstrar e auxiliar da melhor forma e compreensão essa fase tão complicada para um adolescente, ajuda a escolher caminhos melhores para assim ter melhor convívio e em sociedade e compreendendo melhor as suas emoções.</p>
<p>3–Emoções - os sentimentos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a importância dos sentimentos, principalmente e nessa fase tão importante na vida dos alunos adolescentes que passam um turbilhão de mudanças. 	<ul style="list-style-type: none"> • Propor a construção de uma árvore dos sentimentos; • Utilizaremos alguns materiais: cartolina colorida, canetinhas coloridas, lápis de cor e folha de sulfite, cola e durex; 	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender as emoções e as expressões físicas dos sentimentos: Amor • Felicidade (Alegria) • Tristeza • Medo • Surpresa • Raiva • Aversão (Nojo); • Refletir a importância de como essas emoções estão relacionadas, principalmente na fase da adolescência;

			<ul style="list-style-type: none"> • Identificar essas emoções nos adolescentes e como lidar com as emoções; • Compreender as diferentes formas de explicar esses sentimentos;
4-Momento de apresentação	<ul style="list-style-type: none"> • Demonstrar a ideia da árvore dos sentimentos e com montagem fazer a reflexão dos seus sentimentos nesses primeiros dias de aulas de biologia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Planejar a construção da árvore dos sentimentos; 	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão sobre os pontos importantes em relação às mudanças e as transformações que o corpo passa na fase da adolescência; • Pontuar e trabalhar essas questões da transformação do corpo de um adolescente e como os hormônios estão atuando principalmente nessa fase da vida. • Montar a árvore dos sentimentos após essas reflexões; • Refletir com esse objetivo que os adolescentes conheçam mais sobre as mudanças do seu próprio corpo e se reconheçam como um sujeito e respeite o seu momento e de seus amigos adolescentes e como as emoções (os sentimentos) fazem parte na vida de um adolescente principalmente nessa fase.
Adolescência.	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a importância de 	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender e auxiliar esses adolescentes e de 	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir e debater essas questões sobre a

	<p>ser adolescente é essencial para conhecer as mudanças (físicas, sociais e emocionais) que o adolescente está passando é de suma importância para o seu reconhecimento como sujeito</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreender que tem um grupo de pessoas passam por esse momento, serviram como base para achar sua própria identidade através do outro; 	<p>sua importância para que o adolescente que passa por essa fase da adolescência</p>	<p>adolescência é essencial para o desenvolvimento dessa adolescência como pessoa, indivíduo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreender que esse adolescente está em construção em vários pontos, entrando na fase da adolescência para a próxima fase a adulta; • Demonstrar esses pontos essenciais para fazer o adolescente refletir e fazer suas escolhas as quais possam pensar sobre suas ações e a melhor maneira para o indivíduo conviver em sociedade, com mais autoestima e mais conhecimentos sobre si mesmo.
--	---	---	--

Como se vê, esta proposta ainda precisa ser melhorada e acreditamos que isso ocorreria, tão somente, com a sua implementação efetiva em sala de aula. Mais do que tudo, ela registra o esforço desta autora em transformar em ação educativa sistematizada o conjunto de ideias estudadas a partir dos referenciais teóricos lidos.

Considerações finais

Este trabalho buscou contribuir com a formação da autora deste TCC e com o desenvolvimento de ideias relacionadas à adolescência, à relação com o saber e ao acolhimento em contextos escolares, em especial em aulas de Ciências ou de Biologia.

O trabalho revela que, embora haja avanços na compreensão da adolescência, inclusive na educação, a relação dos adolescentes com o saber aparece de forma difusa, pouco clara, ainda que haja a consciência dos fortes impactos pedagógicos originadas desta relação, que é emocional, em contextos escolares.

Em particular sobre o acolhimento a ser feito em aulas de Ciências ou de Biologia, evidenciamos que o assunto ainda aparece pouco contemplado na educação e no ensino de ciências para adolescentes, sendo considerado, aparentemente, como algo menor na formação de professores ou de gestores de escolas. O mesmo não ocorre na educação infantil ou na área da saúde, em que há uma preocupação considerável com o tema, ainda que em contextos envolvendo adolescentes em situações de muita vulnerabilidade.

Neste trabalho quando buscamos acerca da questão do acolhimento, foram achados pontos importantes, como a importância do acolhimento em seguir protocolos de atendimento, por se tratar de casos em que temos crianças e adolescentes privados de tantos pontos importantes como, por exemplo o convívio com a sua família ou que tenha sofrido algum tipo de violência como em alguns exemplos encontrados na pesquisa (acolhimento institucional e acolhimento em abrigos).

Outro ponto importante do trabalho consiste na sugestão de inserir o acolhimento para adolescentes em cursos de Pedagogia.

O acolhimento nas escolas precisa ser difundido, falado e argumentado para ser realizado a todo momento, não só em momentos específicos. O acolhimento precisa estar nas práticas e ações diárias.

Levantando em consideração as várias questões e pontos importantes que abrangem esse trabalho a área da biologia não conseguiria isoladamente preencher as questões das outras áreas envolvidas, mas poderia contribuir para o desenvolvimento e conhecimento do aluno adolescente em relação a conceitos biológicos para auxiliar em sua fase de desenvolvimento na adolescência.

A questão de a adolescência envolve outros aspectos sejam eles culturais, sociais e psicológicos que englobam e estão totalmente dentro da adolescência.

Este trabalho também mostra que é preciso deixar claro que o conhecimento científico, neste caso, deve ficar a serviço do processo educativo mais ampliado do adolescente, não sendo o objetivo em si. Não é o adolescente que tem que ficar a serviço da Biologia, portanto. Foi esse o objetivo ao construir a sequência didática: compreender o que o adolescente pode buscar na Biologia e nos referenciais estudados da área de educação aquilo que pode lhes trazer mais conhecimento sobre si mesmo. Entendemos que nem sempre isso ocorre ou precisa ocorrer em aulas de Ciências ou de Biologia. Porém, no momento inicial, para o acolhimento, nos pareceu a escolha mais adequada.

A via que escolhemos para promover esse acolhimento foi o estudo das emoções e o quanto a Biologia pode contribuir para o conhecimento delas. Isso porque as pesquisas sobre adolescência são unânimes em afirmar que o elemento emocional é sempre o preponderante em todos os processos envolvendo esses jovens. Nós também consideramos importante que as questões trazidas pela adolescência sejam incorporadas ao currículo das escolas desse nível de ensino – algo que buscamos colocar em nossa sequência didática.

A autora deste trabalho considera muito gratificante saber que está fazendo parte de um momento tão importante na vida de seus alunos, que é a sua adolescência. Portanto, em sua carreira, pretende ajudá-los a viver bem essa fase da vida. É preciso destacar, também, como este trabalho contribuiu para a formação desta autora, complementando o impacto vivido por ela nas UC de Estágio. Houve um maior aprofundamento nos temas e o desenvolvimento de uma maior sensibilidade para os assuntos abordados.

Nós, como professores e pesquisadores da área de ensino de ciências, estamos formando pessoas e não apenas alunos numa sala de aula. Devemos formar nossos alunos para que eles encontrem acolhimento na vida em sociedade e, mais do que isso, que sejam capazes de oferecer acolhimento aos que precisam.

Referências

- ANTUNES, R. **Física forense e CTS: uma proposta para o ensino das leis de Newton em uma perspectiva de formação cidadã.** Trabalho de conclusão de curso. Unifesp: Diadema, 2016, 81p.
- AMARAL, M. Encontros com professores de uma escola estadual do Ensino Médio – uma escuta em que a dimensão objetiva se vê alinhavada pela subjetividade dos autores. In: AMARAL, M. (Org.). **Educação, psicanálise e direito: combinações possíveis para se pensar a adolescência na atualidade.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 75-96.
- _____.A estética transgressora do rap e do funk: em direção à reversão dialética da educação pública nas metrópoles brasileiras. In. AMARAL, M. & SOUZA, M.C.C. **Educação pública nas metrópoles brasileiras.** São Paulo: Paco Editorial/Edusp: 2017. 279-300p.
- AMARAL CRUZ, D. et al. **Saúde Mental no Século XXI Indivíduo e Coletivo Pandêmico.** Guarujá, São Paulo: Editora Científica Digital, 2021. cap. 12, p. 175 e p. 176. DOI: 10.37885/210303479. Disponível em: <<http://downloads.editoracientifica.org/210303479.pdf>>. Acesso em: 21 de jan. 2022.
- ANTUNES, Angela; ROBERTO PADILHA, Paulo. **Educação Cidadã, Educação Integral: fundamentos e práticas.** São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010. 49, 50 p. ISBN 978-85-61910-43-3
- CALLIGARIS, C. **A adolescência.** São Paulo: Publifolha, 2000. 96p.
- CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: Questões para a educação hoje.** Porto Alegre: Artmed, 2005. cap. 1, p. 38, 40.
- CRUZ et. al. Institucionalização e isolamento social: reflexões acerca da saúde mental de crianças e adolescentes. In: **Saúde mental do século XXI.** E-book. Editora Científico Digital. 2021. 166-177p. Disponível em <<https://downloads.editoracientifica.org/articles/210303479.pdf>> Acesso em 15 de julho de 2022.
- FREIRE, P **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. 20 p. 26p.

- GUTIERRA, B.C.C. **Adolescência, Psicanálise e Educação: o mestre-possível de adolescente**, São Paulo: Ed. Avercamp, 2003. 149p.
- HERCULANO-HOUZEL, S. **O cérebro adolescente: a neurociência da transformação da criança em adulto**. Rio de Janeiro: E-book Kindle, 2013, 158p.
- ÁLVARES, MELO & LOBATO. Um estudo exploratório da incidência de sintomas depressivos em crianças e adolescentes em acolhimento institucional. In: **Temas Psicológicos**. 2013, vol.21, no.1, p.151-164.
- FONSECA, P.N. O impacto do acolhimento institucional na vida de adolescentes. **Revista de Psicopedagogia**. vol.34, no.105, 2017. p.285-296.
- JOSÉ BRAGA VIANA, Maria. **A relação com o saber, com o aprender e com a escola: uma abordagem em termos de processos epistêmicos** Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, São Paulo, 2009. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/paideia/a/Z7WJHVkVMYYhJJQhrWzgHQp/?lang=pt>>. Acesso em 17 jul. 2022.
- MARCONDES, T. **Representações sociais sobre adolescência por parte de professores de ciências**. Dissertação de mestrado. Unifesp: Diadema, 2019, 189p.
- MARCONDES, T. & SILVA, J.A. Percepções acerca de adolescência por parte de professores de ciências. In.: **Revista Brasileira de Educação em Ciências e Educação Matemática**. v.5. n.1. Cascavel: Unioeste. 2021.226-249p. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/rebecem/article/view/26083>. Acesso em: 19 jan. 2022.
- Melhoramentos Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2004. 8 p. ISBN 85- 06-0303108-7
- CABRAL, Clariana; MARIA CHAVES MAIA, Eulália. O SUS e a rede de garantia de direitos: Estado da Arte sobre as publicações científicas concernentes à implantação de serviços de acolhimento a crianças e adolescentes vítimas de violência". **Mudanças - Psicologia da Saúde**, São Paulo: Metodista, n. 81-88, 2012.
<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/article/view/2976/3314>>. Acesso 17 jul 2022.
- MOTTA, F,N. Notas sobre o acolhimento. **Educação em Revista**. V.30. N.4. Belo Horizonte: UFMG. 2014.205-228p.
- SANTOS & BOY. Acolhimento na escola: uma proposta de volta às aulas durante a pandemia na escola estadual "Toufic Joulian" - CARAPICUÍBA - SP. **Conedu - VII**

Congresso Nacional de Educação. São Paulo: [s.n], 2021.

SILVA, J.A. **Uma escola para adolescentes é possível.** No prelo. Santo André: Editora UFABC, 2021. 8p.

Compromisso e paixão: o universal e o singular na boa escola pública.2008. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) –Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=12&Itemid=77&lang=pt-br&filtro=Silva,%20Jose%20Alves%20da>. Acesso em: 21 mar. 2022.

SILVA, J.A.; STOCO, S. Pibid-Física e Estágio Curricular Supervisionado: diálogos sobre gestão dos diferentes aspectos de sequências didáticas na formação inicial de professores. In: CARVALHO, J; BARCELLOS, J. & SILVESTRE, **Pibid Unifesp em Diálogo: trajetórias e indagações sobre práticas de formação inicial de professores.** 1. ed. Jundiaí -São Paulo: Editora Paco, 2018. p. 16 e 26p.

XIMENES, S. **Minidicionário da Língua Portuguesa.** [S.l.]; Ediouro, 2000. 16p. ISBN 85-00-00835-0.

ANEXOS

Anexo A e B

Quadro 7: Exemplos de mapas mentais para ser utilizado como suporte e apoio nas aulas de Sistema Endócrino.

Além das formas apresentadas no quadro 6: 2 - Sistema Endócrino e os hormônios, como forma de complemento para auxiliar o professor, no decorrer da aula você pode utilizar o mapa mental:

Para nossa aula do sistema endócrino, teremos uma apresentação de um mapa mental;

Assim podendo desenvolver o raciocínio do aluno em relação aos hormônios e como eles atuam na fase adolescência, demonstrando que estão presentes nas suas emoções.

Realizaremos e levantaremos algumas perguntas e questões em torno desse assunto com nossos alunos adolescentes.

Aqui colocaremos alguns exemplos para um começo da aula, uma sondagem que será construída juntamente com os alunos.

Quais hormônios vocês acham que atuam nas emoções?

Qual o hormônio que é chamado o "hormônio do amor"?

Vocês adolescentes sentem muito isso, constantemente.

Esse hormônio atua em uma determina emoção.

Este hormônio atua no nosso humor?

Eles podem ser liberados em um abraço?

Para fechar depois de algumas respostas, queremos estudar: em qual glândula esse hormônio é produzido?

Somente a parte biológica dá conta disso?

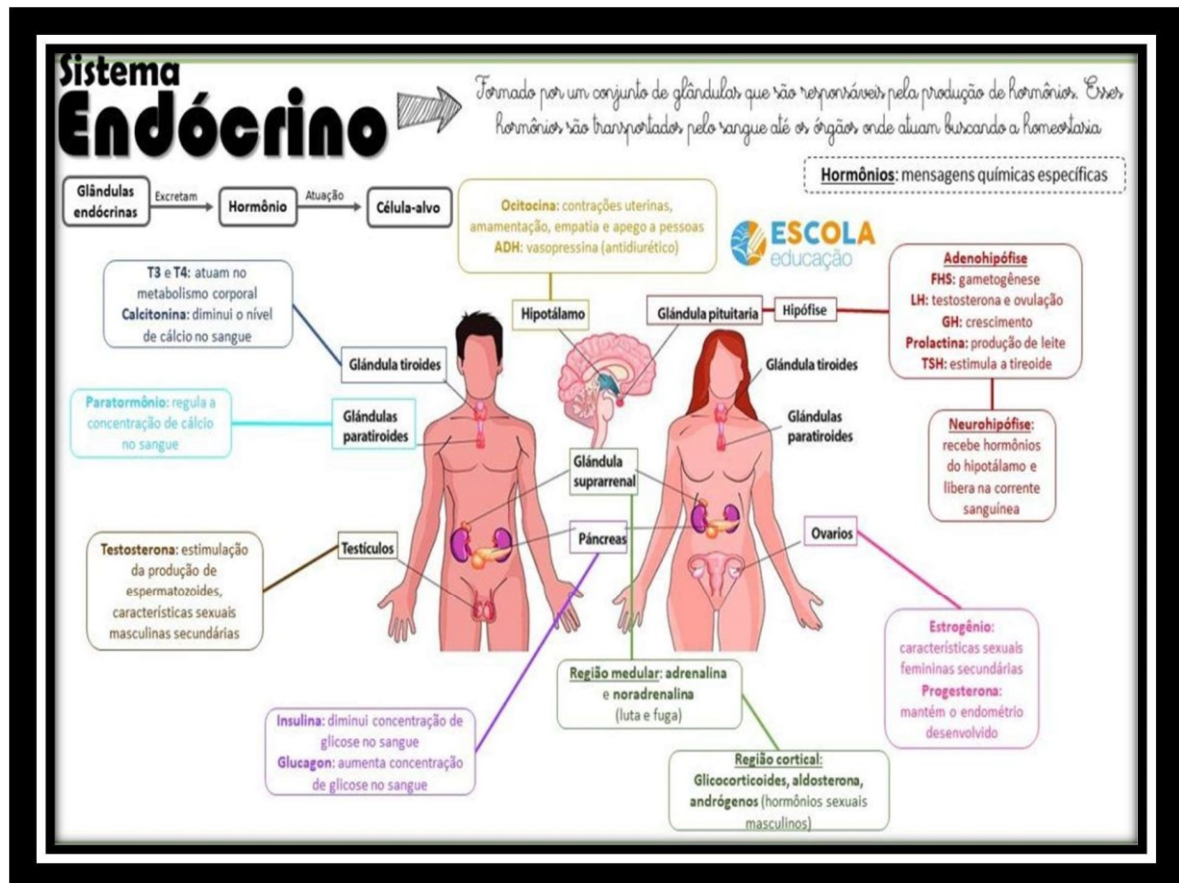


Figura 1 – Fonte: <https://escolaeducacao.com.br/exercicios-sobre-sistema-endocrino/>

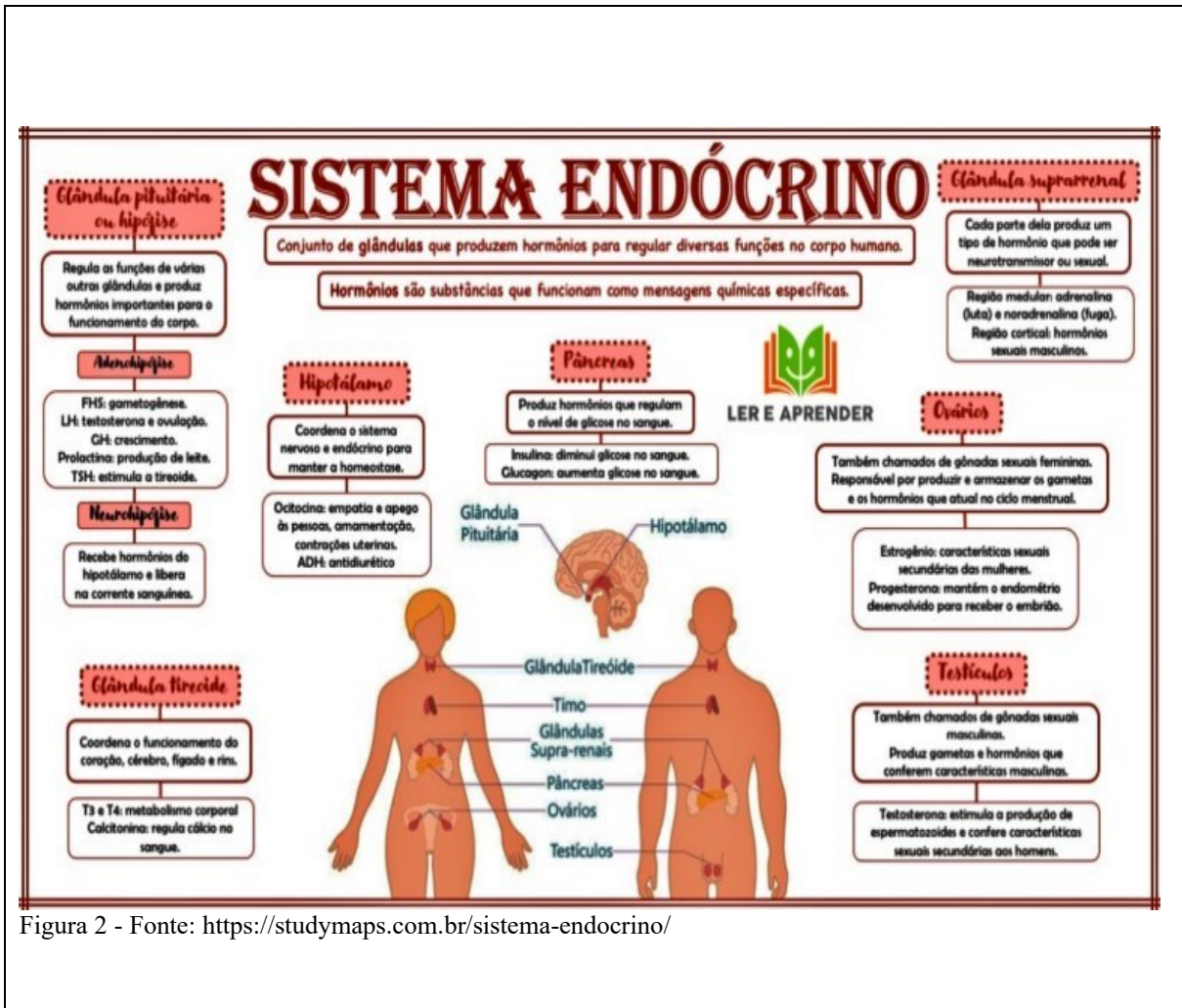


Figura 2 - Fonte: <https://studymaps.com.br/sistema-endocrino/>